



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTORIA

HELDER MELQUISEDEC DA SILVA GOMES

**O MUNDO DO TRABALHO E AS MIGRAÇÕES: EXPERIÊNCIAS DE  
TRABALHADORES DE FAGUNDES –PB EM ITAMBÉ-PE**

CAMPINA GRANDE – PB  
2011

HELDER MELQUISEDEC DA SILVA GOMES

**O MUNDO DO TRABALHO E AS MIGRAÇÕES: EXPERIÊNCIAS DE  
TRABALHADORES DE FAGUNDES –PB EM ITAMBÉ-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado A curso de Licenciatura Plena  
em Historia da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento às exigências  
para obtenção do grau de graduado

Orientadora: Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Patrícia Cristina de  
Aragão Araújo

CAMPINA GRANDE – PB  
2011

G633m

Gomes, Helder Melquisedec da Silva

O Mundo do Trabalho e as Migrações [manuscrito]:  
experiências de Trabalhadores de Fagundes - PB em Itambé -  
PE / Helder Melquisedec da Silva Gomes. – 2011.

**82 f.: il. color.**

**Digitado.**

**Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Educação, 2011.**

“Orientação: Profa. Dra. Patricia Cristina de Aragão Araujo,  
Departamento de História”.

1. Migração 2. Trabalho 3. Experiências. I. Título.

HELDER MELQUISEDEC DA SILVA GOMES

**O MUNDO DO TRABALHO E AS MIGRAÇÕES: EXPERIÊNCIAS DE  
TRABALHADORES DE FAGUNDES –PB EM ITAMBÉ-PE**

Aprovado em: 22 / 06 /2011



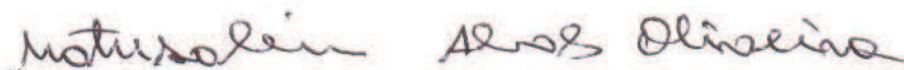
---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Cristina de Aragão Araújo  
- Orientadora –  
(DH/CEDUC/UEPB)



---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Lindaci Gomes de Souza  
-Examinadora –  
(DH/CEDUC/UEPB)



---

Prof. Ms. Matusalém Alves Oliveira  
-Examinador –  
(CEDUC/UEPB)

## DEDICATÓRIA

À minha genitora (in memória) meus agradecimentos pela educação e carinho que me deste concedendo-me a oportunidade de me realizar ainda mais. Dedico este trabalho a memória de minha mãe Dalvinha e a meu filho Péterson diferentemente enquanto pessoas, mas igualmente belas e admiráveis, que na lembrança de uma e na presença do outro me proporcionaram estímulos que me impulsionaram a lutar pela conquista deste objetivo. À meu filho pelas alegrias e peripécias que a cada dia, torna a minha vida muito mais feliz e que de certa forma tornou-se um antídoto as lembranças de sua avó.

## AGRADECIMENTOS

Ao Divino Pai Eterno, pela oportunidade e pelo privilégio que nos foram dados em compartilhar tamanha experiência e, ao freqüentar este curso, perceber e atentar para a relevância de temas que não faziam parte, em profundidade, das nossas vidas.

Ao meu compadre Jota pela amizade sincera, concreta e pelo exemplo de ser humano que é, tão quanto pelo tempo dedicado a minha pessoa nas horas difíceis.

À professora Ofélia por ter sido um arquétipo de coringa que em suas frases proferidas me ensinarão a medir força quando me deparei com os obstáculos.

Aos soldados Amadeu, Carlos, Fernando e Aninha por ter me guarnecido nas horas de embates que eu mais precisei.

Ao meu Pai, Jose Gomes da Silva pelo reconhecimento do meu esforço e pela ajuda financeira que subsidiaram as cotas extras.

À professora Maria José Silva Oliveira, pela atenção, colaboração, profissionalismo e apreço.

Em especial a minha professora orientadora Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo, pelo auxílio disponibilidade de tempo e material, sempre com uma simpatia contagiante.

À minha família esposa e enteados por acrescentar razão e beleza aos meus dias.

Aos amigos Zé Luiz, Edson e Robson por terem sido espelhos na busca de um diploma universitário, sendo vitoriosos em suas limitações.

E de modo muito especial, aos entrevistados, trabalhadores migrantes que contribuíram para a realização deste trabalho especialmente aos cortadores de cana: Berto do Nascimento Silva, Paulino de Souza Faustino, José Ramos de Lima (Queiroz), Antônio Francisco Pereira Neto, Josinaldo Araújo dos Santos, Luciano de Melo Silva, (João Barbudo), Joseilton Juvenal da Silva e João Ananias da Silva (Batista), que esteve presente nos caminhos da pesquisa.

## RESUMO

O resultado desta pesquisa sobre a experiência de migrantes de Fagundes –PB no mundo do trabalho do corte da cana-de-açúcar em Usina de Itambé- PE, constatou que eles estão na eminência de serem substituídos pelo corte mecanizado. Temos por objetivo entender as condições de vida e de trabalho de migrantes fagundenses, nas usinas de cana de açúcar em Itambé – PE. O trabalho na agricultura se desenvolve ao ar livre, estando os trabalhadores expostos à radiação solar excessiva, utilizando equipamentos de proteção individuais improvisados é inadequado, o que torna os trabalhadores mais expostos a possibilidade de ocorrência de acidentes de trabalho. O ambiente de trabalho se dá longe das instalações sanitárias, o que favorece a disseminação de verminoses, associada com uma alimentação inadequada aumentando a possibilidade de contraírem doenças infecciosas. O trabalho no corte de cana de açúcar configura uma forma de trabalho que está diretamente relacionada à sobrevivência nesse trabalho sazonal. Na pesquisa procuramos ouvir empresas, sindicatos, federação e doze trabalhadores onde são apresentados dados da pesquisa de campo, entrevistas orais e uso de pesquisa bibliográfica do ponto de vista historiográfico que fomentou o trabalho. Os cortadores de cana, trabalho que existe desde os primórdios da colonização portuguesa, são submetidos a níveis de exploração, como eram os escravos na época colonial, e estão competindo com as máquinas, dado que a mecanização do corte de cana, com o advento da globalização já chegou a Pernambuco. Julgamos que a mecanização está intensificando a perda de posto de trabalho.

Palavra – Chave: Migração. Trabalho. Experiência.

## ABSTRACT

## RESUMEN

El resultado de esta investigación sobre la experiencia de Fagundes-PB migrantes en el mundo de la caña de azúcar en los trabajos de corte en la planta de Itambé-PE, que se encuentra que están a punto de ser reemplazado por el corte mecanizado. Tenemos el objetivo de comprender las condiciones de vida y de la mano de obra migrante fagundenses en ingenios azucareros en Itambé-PE. El trabajo en la agricultura se desarrolla al aire libre los trabajadores estén expuestos a la radiación solar excesiva, usar equipos de protección individual es insuficiente, improvisados, lo que hace que los trabajadores más expuestos a la posibilidad de accidentes. El ambiente de trabajo está lejos de los baños, lo que favorece la propagación de gusanos, asociada a una mala alimentación aumenta la posibilidad de contraer enfermedades y infecciosas. El trabajo de corte de la caña de azúcar como un conjunto de trabajo que está directamente relacionado con la supervivencia en este trabajo de temporada. En las empresas de la encuesta se escucha, sindicatos, federaciones y doce en donde los trabajadores se les da la investigación de campo, entrevistas orales y búsqueda en la literatura con el punto de vista historiográfico que alimentó el trabajo. Los cortadores de caña, que trabaja allí desde el principio de colonización portuguesa, están sometidos a niveles de explotación, al igual que los esclavos en la época colonial, y está compitiendo con las máquinas, ya que la mecanización del corte de caña, con el advenimiento de la globalización ha llegado a Pernambuco. Creemos que la mecanización es cada vez mayor y la pérdida de puestos de trabajo.

**Palabras-clave:** migración, experiencia laboral.



## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

|  |    |
|--|----|
| FOTO 1 – Antônio Francisco Pereira Neto e sua família .....      | 13 |
| FOTO 2- Colheita Mecanizada.....                                 | 33 |
| FOTO 3- Máquina autoprelida.....                                 | 40 |
| FOTO 4- Trabalhador cortando cana queimada com a ferramenta..... | 49 |

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>10</b> |
| <b>2. REFLEXÕES EM TORNO DAS MIGRAÇÕES: DESAFIOS E PERSPECTIVAS.....</b>                            | <b>16</b> |
| 2.1 Perspectivas das migrações e as condições sociais dos migrantes .....                           | 19        |
| 2.2 Desafios que norteiam as migrações.....   | 22        |
| <b>3. MIGRANTES DE FAGUNDES – PB EM USINAS DE ITAMBE - PE .....</b>                                 | <b>25</b> |
| 3.1 Aspectos das migrações na Paraíba.....  | 25        |
| 3.2 Características de Fagundes – PB .....  | 33        |
| 3.3 O trabalho de migrantes de Fagundes- PB nas usinas maravilha e Santa Tereza em Pernambuco ..... | 39        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>53</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>58</b> |
| <b>APENDICE.....</b>  | <b>62</b> |
| <b>ANEXOS .....</b>   | <b>68</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho refletiremos sobre as migrações cidade – campo em Fagundes-PB em direção a zona rural de Itambé-PE, que nas ultimas décadas do século XX esse processo migratório foi intensificado no interior dos próprios países e mais abrangente internacionalmente, motivado por mudanças econômicas significativas que intensificaram o processo. Abordaremos a questão da mecanização agrícola e suas consequências na substituição do ser humano pelas máquinas especificamente com os avanços tecnológicos de máquinas para produção de cana de açúcar. Nosso recorte temporal é de 2000 a 2010, pois, o aumento da sua produção utilizando-se máquinas modernas na plantação, colheita e transformação da matéria prima em produto final, porém afastando o trabalhador rural do mercado de trabalho, mostrando que este trabalhador segundo (VENDRAMINI , 2006), está:

Associado em primeiro lugar, a sobrevivência, num contexto em que não há trabalho ou emprego para todos, em que trabalhar significa ser explorado, em que uma grande maioria dos trabalhadores não tem qualificação, em que poucos se aprendem em muitas atividades, ou se aprendem algo meramente referente a atividade em si, um conhecimento técnico, imediato, pratico. Podemos dizer que as pessoas desaprendam pelo trabalho quando são socializadas pelo trabalho para uma cultura da sobrevivência, do consumo, da corrupção, do individualismo, da malandragem e do desrespeito. (VENDRAMINI, 2006. p. 123-124).

Partindo deste principio nosso objetivo é entender as condições de vida e de trabalho de migrantes fagundenses, nas usinas de cana de açúcar de Itambé-PE. Os motivos que nos condicionaram a escolha do tema se desenvolvem em duas diretrizes: inicialmente porque tivemos oportunidade de trabalhar no canavial. Portanto conhecemos esse universo de exclusão social e trabalhista dessa mão de obra, que devido a mecanização agrícola que estão substituindo o ser humano, e a cada dia distancia mais e mais o trabalhador de seus objetivos principais que são disponibilizar a sobrevivência alimentar e financeira de sua família. Segundo pela discussão das migrações como que é uma estratégia de sobrevivência que esses trabalhadores rurais utilizam no corte de cana, no que se refere aos migrantes de Fagundes, esta é uma realidade.

Sobre o distanciamento do ser humano verso posto de trabalho causado entre outros motivos pela mecanização Fiod (2005), descreveu que:

O desenvolvimento industrial realiza-se as custas de um longo período de expropriação. A utilização das máquinas rompe com a unidade trabalhadora e sua ferramenta. O velho artesão vai desaparecendo à medida que o trabalhador adquire caráter social, pela cooperação de muitos, o que muda radicalmente a forma de educar os cidadãos. O trabalho social, cooperativo, mais ou menos contingente na manufatura e que ainda dependia da subjetividade, da habilidade de alguns artesões, agora objetivado na maquinaria automática, torna-se independente das habilidades dos trabalhadores. (FIOD, 2005, p.. 251).

Refletiremos sobre as condições de vida e trabalho a partir das colocações e reflexões do migrante (informação verbal – José Ramos De Lima, 2010) que refletiu em sua entrevista sobre os pontos cruciais que segregam a vida dos migrantes cortadores de cana do município de Fagundes-PB, que partem em direção aos engenhos de cana de açúcar de Itambé-PE para um trabalho sazonal que a cada ano emprega menos mão de obra humana em consequência da mecanização e do modo de produção capitalista.

A mais de trinta e cinco anos no corte de cana sendo, portanto o entrevistado com mais experiência na atividade de cortar cana, o entrevistado destacou que as transformações ocorridas foram poucas significativas e as condições de trabalho pouco progrediram, estando cada vez mais presente o trabalho degradante.

Parti logo cedo para o corte de cana, puxado pelo meu pai que não queria me deixar em casa vadiando. Iniciei em 1973 com exatos 11 anos, dessas idas e vindas construir meu rancho e criei meus três filhos. Diante de meus 48 janeiros o corpo já não responde a demanda de serviços que antes aguentava executar afetando meu ganho. Os usineiros estão preferindo pessoas abaixo dos 30, por apresentarem melhores condições para o trabalho pesado sobrando pra gente outros serviços com remunerações baixa em relação a diária no corte. Voltei a fazer o que fazia a mais de 30 anos atrás: estou lambaiando cana de novo e agradecendo a Deus, porque aqui não tem jeito, o feitor continua roubando a gente, e as usinas como forma de dispensar alguns trabalhadores do corte de cana estão considerando mais de três atestados como falta grave e meu corpo já não agüenta mais tanto repuxo. (informação verbal- (LIMA, 2011).<sup>1</sup>

Um dos nossos propósitos é chamar atenção da academia a cerca da vida de trabalho de migrantes paraibanos, um de seus objetivos é chamar a atenção dos Sindicatos, ONG e Ministério Público, as Comissões Internas de Prevenção de Acidentes (CIPAS), usineiros, poder público é militantes do ramo, para mostrar os efeitos das diversas formas e condições em que o trabalho é executado, por homens e mulheres trabalhadores rurais da cidade de Fagundes. É principalmente com

---

<sup>1</sup> Entrevista fornecida por José Ramos de Lima, cortador de cana, em sua residência no Sitio Canoas-Fagundes, em Abril de 2011.

intuito de fomentar soluções para a inserção desses trabalhadores que estão perdendo vaga para as máquinas, e que depois de explorados, não estamos observando formas de reaproveitamento de suas capacidades trabalhistas, tão quanto com objetivo de resguardá-los formas de inserção para que possam continuar subsidiando suas condições de necessidades, e de seus familiares.

Os critérios para a seleção da amostra de pesquisa contemplaram entrevistas com migrantes de faixa etárias variadas, dos quatorze aos cinquenta e cinco anos com dez cortadores de cana e dois agenciadores, e também realizamos com algumas esposas dos cortadores de cana que correspondem a mais de quatro horas de gravação. Os motivos para a escolha dos sujeitos participantes foram condições econômicas e sociais, tempo de trabalho e experiência como agenciadores. A grande maioria dos entrevistados começou a trabalhar na agricultura canavieira, levado pelos pais. Também foram entrevistados o presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Fagundes (STRF) o prefeito da cidade, e o presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco (FETAPE).

A pesquisa nos engenhos das usinas Maravilha e Santa Tereza, baseou-se em observações no preparo dos alimentos, durante a jornada de trabalho, no trajeto alojamentos atividade de campo e nos momentos de descanso. Durante as visitas aos engenhos e usinas tive a oportunidade de viajar com os migrantes por duas vezes saindo de Fagundes - PB ate Itambé –PE, em Dezembro de 2010 e Março de 2011.

Durante o trabalho de campo fui apresentado aos trabalhadores migrantes pelo agenciador Berto do Nascimento Silva,<sup>2</sup> que agencia trabalhadores para a Usina Maravilha, que desenvolvem seus trabalhos nos engenhos: Novo, Figueiredo e Dois Rios I, e II. A amizade anteriormente construída entre o autor do trabalho e o agenciador quando residíamos em Sitio Serra Velha- Itatuba- PB permitiu o acesso a documentos (contracheque, carteira de trabalho), dos seus agenciados que foram as principais fontes de dados sobre a entrada e saída em cada emprego.

A confiança que construir com esse agenciador também me permitiu o acesso a FETAPE onde fui apresentado ao Presidente da instituição em Março de 2011, que me repassou ricas informações sobre o trabalho no campo desenvolvido por trabalhadores migrantes de outros estados. O estabelecimento de laços íntimos de

---

<sup>2</sup> Berto do Nascimento Silva, e agenciador de cortadores de cana a mais de 30 anos.

relacionamento com os entrevistados é considerado pela historiadora que utiliza de fontes orais, como determinante para a qualidade dos dados. (ALBERTI, 2005).

O contato com os migrantes e suas famílias (ver foto 1) em suas residências ocorreu através do migrante João Ananias da Silva, que além de cortador de cana desenvolve o trabalho de moto taxista, portanto conhece substancialmente todos os sítios de Fagundes-PB. As entrevistas ocorreram entre os meses de Janeiro a Maio de 2011, sendo utilizada para a coleta de dados, um equipamento eletrônico (celular), e também registrei algumas notas de campo com relação ao cotidiano dos trabalhadores. Observei restrições ou dificuldades por parte dos entrevistados de liberar entrevistas no mesmo ritmo em que elas eram gravadas julgamos que o motivo fosse o recurso utilizado. (ALBERTI, 2005).



Fig 1. Antônio Francisco Pereira Neto e sua Família.

Fonte: (Helder Melquisedec da S. Gomes, Mar. 2011).

Durante as entrevistas em Fagundes, que realizamos sempre nos finais de semana, já que aos sábados e domingos, os trabalhadores disponibilizam de mais tempo, procurei não invadir a privacidade dos entrevistados, não violando o ritmo

normal de suas vidas. Procurei deixar os entrevistados informados sobre a data das entrevistas com antecedência com a finalidade de deixá-los mais a vontade. O acolhimento com que fui recebido pelos camponeses foi muito positivo.

Ao término das entrevistas percebia que às vezes por não se sentirem a vontade ou por restrição de terem suas falas divulgadas, sobretudo aos agenciadores, ou por pessoas próximas terem influenciados no curso da narrativa, ou por não ter desenvolvido ferramentas eficazes de busca (Alberti, 2004) uma série de informações não foram divulgadas pelos entrevistados. Pode se concluir que ser entrevistado não é usual na vida das pessoas comuns, eles deixam de mencionar fatos importantes principalmente o que desrespeitam as usinas e o campo de trabalho.

Tivemos dificuldades na observação do trabalho de campo desenvolvido pelos canavieiros, no engenho Boa Nova da usina Olho D'água, durante a pesquisa empreendida no mês de Janeiro de 2011, motivado pela vigilância constante do feitor de campo, que nos questionou a cerca se fazíamos parte de sindicatos, Pastoral do Migrante ou do Ministério Público do Trabalho e Emprego (MPTE-PE). Outra constante foi a tentativa de proibir nossa ida a usina Maravilha num ônibus fretado pela usina pelo agenciador Ailton de Souza Braz.<sup>3</sup> Ausentando-se essas duas dificuldades, julgamos que o presente teve sucesso sobretudo pela extensa narrativa sobre relacionamentos, fatos e sentimentos que ocorreram no trabalho de campo, bem como da intermediação dos colaboradores envolvidos.

A migração de trabalhadores de Fagundes-PB em direção a Itambé – PE, de 2000 a 2010 diminuiu consideravelmente motivado pela mecanização que está expulsando os trabalhadores do campo de trabalho. A partir de 2000 a expansão e a modernização da agroindústria canavieira no Brasil ampliaram o mercado de trabalho e as migrações, diferenciou e precarizou o trabalho, modificou o perfil dos trabalhadores. As usinas alteraram os critérios de seleção, gestão e controle da mão de obra. Os trabalhadores mais novos migrantes passaram a ser preferidos para o trabalho no corte da cana das modernas usinas. A força física passou a ser um critério relevante na seleção dos trabalhadores por assegurar melhores índices de produtividade.

---

<sup>3</sup> Ailton de Souza Braz, é agenciador para as usinas Santa Teresa e Destilaria Tabú.

A partir de 2005, as transformações tecnológicas (modernização e mecanização), também se voltam para a lavoura da cana, com a introdução de novas variedades, novas formas de manejo, mecanização e novas formas de gestão e organização do trabalho agrícola. Assim, com esse novo patamar tecnológico, as usinas se multiplicaram e a produção canavieira estendeu-se para outras regiões do país, expulsando literalmente os trabalhadores migrantes a cada ano.

O Capítulo dois, “Reflexões em torno das migrações: desafios e perspectivas”, apresenta uma breve abordagem dos deslocamentos populacionais (migração), relacionando as causas desse processo mostrando que o movimento migratório de modo mais amplo pode ser entendido como “uma forma de resistência às duras condições de vida impostas pela penetração do capitalismo no campo. Abordamos nesse capítulo o deslocamento dos trabalhadores rurais e urbanos das camadas mais pobres da população de Fagundes que migram para os engenhos de cana de açúcar de Itambé-PE que vivenciam o processo migratório para a zona da mata de Pernambuco em condições degradantes e sub humanas. O trabalho de Hobsbawm (1994), constituiu uma referência importante no desenvolvimento do capítulo.

Em perspectivas das migrações e as condições sociais dos migrantes, e desafios que norteiam as migrações, analiso o processo migratório sazonal e os desafios enfrentados pelos migrantes fagundenses na saída, no local de destino e na chegada ao local de origem. Nestes tópicos as principais referências utilizadas na análise migratória e seus desafios foram: SANTOS (2007), MARTINS, (1973), MOTTA (2011), HOLANDA (2008), NOVAES (2007), SILVA (2006) e SERRÃO (2002).

O Capítulo três, Migrantes de Fagundes –PB, em usinas de Itambé-PE, inicia contextualizando a inserção no mercado de trabalho no corte de cana no século XIX, exercida sobretudo por escravos ressaltando a importância da economia da agroindústria canavieira, e o processo inicial de moagem da cana. O trabalho de Ferlini (1988), e Szmrecsanyi (1996) são referências utilizadas para refletir sobre esse processo.

Em Aspectos das migrações na Paraíba, analisa a continuidade das migrações, sobretudo na região sertaneja, utilizando como referencial o artigo de Motta (2011) mostrando que o sistema capitalista também se mostra incapaz de estagnar ou frear o fluxo migratório ou sequer diminuí-lo. Antunes, (2000). Aborda os



motivos porque os gestores das usinas preferem os cortadores de cana paraibanos. Ressalta a importância da união entre sindicatos, associações, usineiros e cortadores de cana na busca pelos direitos trabalhistas, já que os organismos públicos não encontram soluções de inserção de trabalhadores substituídos pelo corte mecanizado. Foram utilizados como referencia os trabalhos dos autores HALL (2006), TORRES (2008) e MENEZES (2002).

Características de Fagundes – PB aborda os aspectos geográficos, populacional e econômico do município, mostrando que a principal atividade econômica é a agricultura e a pecuária. Ressalta a importância da cidade de Itambé – PE, como pólo empregatício para os migrantes, e a importância de busca de outras formas de trabalho utilizando o potencial do município como forma de geração de emprego e renda. Nesse tópico foi fundamental o trabalho do Sociólogo RASSIE (2005), MENEZES (2002), e dados dos órgãos públicos TCE-PB (2010), EMATER-PB (2010).

O trabalho de migrantes de Fagundes- PB nas usinas Maravilha e Santa Tereza, em Pernambuco aborda as mudanças estruturais do Sistema Capitalista, que atingem a questão do mercado de trabalho e emprego, esclarece que o aumento da mecanização na indústria canavieira está empregando menos trabalhadores do setor sucroalcooleiro, analiso os dois setores da atividade açucareira o setor agrícola, destinado ao plantio e a colheita da cana de açúcar, e a produção de alimentos, e um setor fabril, denominado usina, utilizando do trabalho de Barros (2002), esclarece as dinâmicas da exploração do trabalho onde utilizei o trabalho de Thompson (1998), como principal ferramenta para análise da exploração trabalhista, relaciona as doenças relacionados ao trabalho, utilizando do referencial de Maeno (2007), e a conclusão do trabalho. As demais referências utilizadas foram BAUMAN (2003), HOLANDA (2008), ALVES (2002)., SANTOS (2011), WEBER (2005) e CARNEIRO (1997).

## **2. REFLEXÕES EM TORNO DAS MIGRAÇÕES: DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

Se o planeta está em movimento, através de milhões de seres humanos deslocando-se de um lado para outro, ou se as estradas do Brasil estão povoadas de caminhantes - não é exagero falar de um momento de profundas transformações.

Para alguns autores, como *Boaventura Souza Santos*, (2007), por exemplo, trata-se de uma crise sem retorno do paradigma modernidade, no bojo da qual se engendra uma nova transição paradigmática.

Historicamente, no Brasil, é difícil falar de pobreza sem atentar para os grandes deslocamentos da população, como também é difícil falar destes deslocamentos sem relacioná-los à exclusão social. Isto não significa estabelecer, sem mais, uma causalidade mecânica e imediata entre pobreza e migração. Mas apropriadamente, podemos afirmar que os dois componentes em questão têm funcionado, na história do país, como duas faces de uma realidade mais ampla e constituem, simultaneamente, causa e efeito dos problemas estruturais da sociedade brasileira.

Não se pode atribuir unicamente às migrações a pobreza e a violência urbanas como fazem muitas vezes o senso comum. Por outro lado, também não se pode responsabilizar somente a falta de perspectivas do campo pelo êxodo rural em massa. A miséria que se espalha pelas cidades e o esvaziamento do campo têm, como se sabe, causas bem mais complexas. Fatores como a crise econômica e o desemprego crescente, as transformações no mundo do trabalho e a precarização de suas relações que contribuem decisivamente. Entretanto, não podemos também desconhecer as mútuas implicações entre o fenômeno das migrações e a espiral de empobrecimento por que passa a sociedade brasileira nos dias atuais. Limitaremos nossa abordagem ao deslocamento dos trabalhadores rurais e urbanos das camadas mais pobres da população de Fagundes - PB mostrando que o movimento migratório de modo mais amplo pode ser entendido como “uma forma de resistência às duras condições de vida impostas pela penetração do capitalismo no campo. (HOBBSAWM, 1994).

Esse quadro de pobreza da Região se agrava, ainda mais, diante da ocorrência de secas periódicas e desemprego entre outros fatores causadores das migrações. Quando elas ocorrem, a maior parte da população local - aquele contingente destituído de poder político e econômico torna-se vulnerável, do ponto de vista social e engaja-se em uma série de medidas para tentar superar os seus problemas, sendo a migração uma das mais importantes delas.

Na sociedade brasileira atual, contudo, a grande maioria da população, especialmente os setores condenados à exclusão social, deixam sua terra e sua gente não por um ato livre, mas por motivos de resistência e luta as duras realidades a que estão expostos. Está em jogo a própria sobrevivência. Daí nossa insistência em que o direito de ir e vir corresponde ao direito de "ficar". Quantos migrantes que hoje percorrem as estradas se pudessem optar, decidiriam permanecer no solo onde enterraram seus entes queridos? Deste ponto de vista migrar deve ser uma decisão livre e não forçada pela sobrevivência, pois de acordo com (MARTINS, 1973):

É, pois um desafio para o migrante fagundense se estabelecer num lugar estranho, a partir de um contexto social ao qual suas necessidades os levam no curso da suas vidas. Sendo assim, na medida em que "[...] o migrante é um trabalhador isto é, um portador de força de trabalho e, portanto, a migração é o resultado do comercio internacional dessa mercadoria singular" (MARTINS, 1973, p.22).

As migrações internas deste modo são um reflexo de um desequilíbrio do espaço rural e urbano que contribuem para o crescimento econômico do país, mas sem resolver os problemas socioeconômicos do migrante. Assim quando pensamos em Fagundes – PB percebemos que falta um planejamento integrado no território fagundense para solucionar os desníveis sociais e econômicos que só se agravam na cidade. O desemprego causado pelo modelo agrícola baseado no monocultivo e no latifúndio aumenta o contingente de trabalhadores que se submetem a trabalhar em lugares distantes de sua origem, em condições degradantes. Estes trabalhadores são aliciados por pessoas denominadas de "gatos", "turmeiros", arrumadores ou "agenciadores" que dependendo do linguajar de cada região ou localidade que realizam o transporte e fazem a intermediação das contratações junto às usinas.

A circulação das forças de trabalho é o momento da submissão do trabalhador as exigências do mercado de trabalho, aquele em que o trabalhador, a mercê do capital e das crises periódicas, se desloca de uma esfera de atividade, entre elas a agricultura, base sustentável primaria da maioria dos entrevistados, para outras em que sucede o trabalhador a toda variação da sua força de trabalho e das suas atividades que lhe deixa antever um melhor salário.

A respeito dessa afirmativa Motta (2011), esclarece que esse deslocamento continua vivo em outras regiões da Paraíba, entre elas a região sertaneja. Muitos

agricultores deixam a Paraíba para cortar cana em São Paulo, por exemplo, conforme mostra Motta,

Aproximadamente 20 mil agricultores do Sertão paraibano, deixaram o Estado para trabalhar no corte de cana-de-açúcar, em cidades do interior de São Paulo e Minas Gerais. A migração, que já ocorre a mais de três décadas, se intensificou nos últimos dez anos e estima-se que por ano, o fluxo migratório chegue a mais de 6 mil homens. Eles preferem cortar até 10 toneladas de cana-de-açúcar por dia nos canaviais paulistas, para garantir uma diária de R\$ 30, mesmo que tenham que enfrentar risco de acidentes e o trabalho explorador, do que se dedicar à agricultura paraibana. Especialistas e técnicos agrícolas afirmam que a saída dos agricultores tem causado um forte impacto na agricultura, principalmente nas culturas de arroz, milho e feijão, os três principais expoentes da economia da região. Sem mão-de obra, as terras, especialmente do Vale do Piancó, conhecidas pela fertilidade para produção de grãos, estão se tornando pastos e pouco delas tem sido aproveitado. A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater), da Regional de Itaporanga, informou que da área de 5 mil hectares, que é destinada a produção de arroz, somente 2,5 mil foi aproveitada esse ano e o lucro obtido será de R\$ 24 milhões, 50% a menos do que deveria ser. Já na área do milho, apenas 50% foi plantada, e a renda deve oscilar em torno de R\$ 11 milhões, menos da metade do esperado. (MOTTA, 2011, Caderno Economia, p. E5)

Ampliando o quadro dos deslocamentos populacionais, podemos identificar, nos tempos atuais, cinco movimentos mais expressivos do fenômeno migratório: migração rural em massa, migrações temporárias ou sazonais, migrações limítrofes e/ou latino-americanas, migrações para a fronteira agrícola e migrações circulares ou pendulares. Estes são os tipos de levas migratórias que ocorrem comumente no Brasil, segundo Garcia e Matos (2009). Entretanto, nossa proposta, neste texto é discutir acerca das migrações que ocorrem na cidade de Fagundes-PB, em direção a usinas e engenhos da cidade de Itambé –PE.

## **2.1 PERSPECTIVAS DAS MIGRAÇÕES E AS CONDIÇÕES SOCIAIS DOS MIGRANTES**

As *migrações temporárias ou sazonais* ocorrem, especialmente, em direção às safras agrícolas tais como. Cana-de-açúcar, café, laranja, da uva - entre outras – elas são responsáveis por grandes fluxos de trabalhadores que, por um período de 4, 5, 6 ou 7 meses, deixam sua terra natal e se dirigem às regiões da agroindústria, como: Bahia, Ceará, Paraíba e outros estados do Nordeste que figuram como as áreas principais de origem desses migrantes. Quanto ao destino, podemos citar os estados de Pernambuco, São Paulo e Mato Grosso do Sul. Alguns estados, como Minas Gerais e Paraná, por exemplo, são simultaneamente pólos de origem e destino desses trabalhadores. Regiões de irrigação, como Petrolina (PE) e Juazeiro

(BA), atraem igualmente números expressivos de trabalhadores temporário-sazonais. (GARCIA E MATOS, 2009).

Trabalhadores que chegam a cortar mais de 15 toneladas de cana por dia, sob o sol forte, o que ao longo dos anos vai destruindo o seu corpo devido ao trabalho árduo. Como o ganho é por produtividade, quem corta mais pode levar mais dinheiro para casa no final da safra. Porém a cada ano a produtividade desses trabalhadores vem diminuindo devido a perda da força física e a destreza, ficando os trabalhadores visivelmente debilitados. A respeito dessa posição Meira (2011) nota que:

As usinas tem interesse nos agricultores paraibanos porque entre outros motivos, eles mostram mais força para trabalhar e conseguem cortar ao dia, o dobro da produção de um paulista. O corte é por produção e os trabalhadores sabem que quanto mais produzirem mais dinheiro pode ganhar". (MEIRA, 2011, P.6).

O problema é que os exames adimensionais não são feitos com o cuidado que merecem e, muitas vezes, trabalhadores que não têm condições físicas para a tarefa acabam sendo contratados. Só nos últimos três anos, 19 pessoas morreram durante o corte da cana no interior do Estado de Pernambuco.. Assim são vários os grillhões que jugulam esses trabalhadores migrantes entre os quais podemos citar: (Fonte Jornal Causa Operaria 2010 p.11).

O primeiro deles é a *concentração* da terra, da riqueza e do poder. Os estudiosos no campo das ciências humanas e sociais não se cansam de sublinhar o tripé em que se assenta a economia do Brasil, desde os tempos coloniais: latifúndio, monocultura de exportação e trabalho escravo. Ao longo da história, a concentração só fez aumentar, engendrando uma elite que acumula uma enorme fatia da renda nacional, e tem se revelado extremamente retrógrada e avessa a qualquer transformação. No caso da terra, cada vez que se procurou mexer na propriedade fundiária, a tensão oculta transformou-se em conflito aberto e até armado. É do conhecimento geral o número de assassinatos que a luta pela terra tem semeado por todo território nacional no decorrer de décadas. Na verdade, o pensamento de Gilberto Freire permanece ainda bem vivo e atual, quando se refere às relações de poder. O Brasil da *Casa Grande e Senzala* não é o Brasil de ontem. O fosso entre os dois extremos, elite e camadas populares tem aumentado cada vez mais, a ponto de se falar em *apartheid social*.

Trabalho em regime de semiescravidão nos dias de hoje, está baseado na exploração pelos patrões, através o atraso nos pagamentos mensais, a falta de

equipamentos para o trabalho, os baixos salários, a falta de complemento como benefícios de vale-transporte e vale-alimentação, não disponibilizando equipamentos básico de segurança como (botas, luvas e óculos) são algumas das causas que apontam a insegurança do trabalho. Funcionários que são obrigados a trabalhar sem pagamento de horas extras, sem receber o dia quando apresentam atestados medico também fazem parte da exploração ao trabalho do ser humano.

De acordo com Holanda:

Este tipo humano ignora as fronteiras. No mundo todo se apresenta a ele em generosa amplitude e, onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes [...], O trabalhador ao contrario, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de desperdício e sabe tirar o máximo de proveito do insignificante, tem sentido bem nítido para ele. Seu campo visual é naturalmente restrito. A parte maior do que o todo. (HOLANDA, 2008, p. 44).

Os trabalhadores mergulhados um processo de exploração e dificuldades, quando conseguem inserir-se numa atividade, muito embora com uma remuneração incompatível com a carga horaria executada, com medo de ficar fora dessa atividade enfrentam as dificuldades impostas pelo mercado de trabalho e exploração a qual estão expostos.

Thompson (1987), ao analisar o sistema, afirma que o processo de exploração em larga escala se dá:

O empreendimento em larga escala, o sistema fabril, com sua nova disciplina, as comunidades fabris- onde o industrial não só se enriquecia com o trabalho de sua "mão de obra", como também se podia vê-lo enriquecer no decorrer de uma única geração – tudo contribui para a transparência do processo de exploração e para a coesão social e cultural do explorado. (Thompson, 1987, p. 22).

Apesar de ser uma figura recorrente no nosso imaginário social podemos ver, o migrante nordestino seja dentro do "pau de arara" ou em caminhões lotados de (cortadores de cana) , perseguindo o sonho de uma vida melhor seja no Sul Maravilha – ou em Estados próximos da mesma região Nordeste. Sem sombra de dúvidas, podem-se representar os movimentos migratórios oriundos da região Nordeste do Brasil através da imagem metafórica da diáspora; ao mesmo tempo, talvez fruto da dispersão que a caracteriza, em torno deles há uma invisibilidade

histórica. Com isto chamamos atenção que os estudos históricos, propriamente, que tinham como objeto de interesse os movimentos de população pelo interior do Brasil, eram, até bem recentemente, bastante raros.

Migrar, portanto, tem sempre um sentido ambíguo como uma imposição das condições econômicas e sociais ou ambientais – e, nesse caso, ela aparece na maioria das vezes como um dos mais fortes elementos que explicariam o destino dos migrantes paraibanos, mas também como uma escolha contra a falta de condições empregatícias no Sertão, no Agreste, na Borborema. Migrar é em última instância, dizer não à situação em que se vive, é tomar o destino com as próprias mãos, ressignificar sonhos e esperanças de vida melhor ou mesmo diferente. Migrar pode ser entendido como estratégia não só para minimizar as penúrias do cotidiano, mas também para buscar um lugar social onde se possa driblar a exclusão pretendida pelas elites brasileiras através de seus projetos modernizantes. (SILVA, 2008).

Ao entender o migrar como puro desenraizamento confinamos o migrante na condição de vítima, diante de um ato que é tido como não sendo de sua escolha, mas fruto de imposições históricas e estruturais, diante das quais ele se mantém alheio. Fruto dá exclusão social, presente no seu lugar de origem. Nesse sentido migrar pode ser entendido como resistência, não só à exploração e dominação existentes no local de origem, e que produzem a exclusão social, mas sobretudo a se ver fixado, num lugar social e simbólico. Migrar é exercer o desejo de mudar, de não se conformar. (AZEVEDO E JUNIOR, 2008).

Assim utilizando as palavras de Silva, (2006), o grande exército de migrantes fagundenses representa não somente o resultado do desenraizamento social e econômico, provocado pelo processo de expropriação em seus locais de origem, como também, um conjunto de imposições, cujas condições humanas são negadas.

## **2.2 DESAFIOS QUE NORTEIAM AS MIGRAÇÕES**

As migrações apresentam inúmeros desafios tanto na saída do migrante do local de origem, como de sua chegada ao local de destino. Isto ocorre porque, os migrantes passam por um processo muitas vezes traumático de ruptura que tanto reflete sobre suas condições como culturais. Os impactos oriundos das migrações costumam ser duro e profundo porque gera situações de solidão, de saudade que se

repetem com frequência. Na saída, o migrante sofre quando parte, mas também quem fica se vê distante de seu parente ou amigo. A chegada ao local de destino, nem sempre é tranqüila tão quanto à adaptação ao novo local. Para o migrante o local de destino requer a integração com a nova vizinhança, por outro lado, o apoio na luta por emprego, moradia, escola e saúde, enfim, para reiniciar uma nova vida. Deste modo são de extrema importância as relações de amizade e compadrio, bem como as redes de solidariedade criadas entre os próprios migrantes.

Na canção abaixo da Banda Barraco 27, podemos perceber o alcance dos fluxos migratórios sobre a vida dos migrantes.

A saudade é a palavra que mais doi nos imigrantes /que partiram em busca da sorte, por terras distantes /Choraram lágrimas de sangue, na hora da partida /A procura de uma suposta, linda vida /Deixaram a família, com promessas de voltar /Uns conseguiram outros continuam a tentar /Levaram no coração a terra natal /Na mala de cartão restos do seu ideal / Levaram na esperança, um futuro para os filhos /Outros simplesmente a procura dos seus próprios estrilhos /Muitas vezes arriscam a vida de qualquer maneira /Promessas do paraíso acabam na ratoeira Mortos, ou escravizados explorados, ameaçados /E a sua sorte abandonados /Anos a suor, nem tudo o que brilha é ouro /Trabalho arduo, para juntar um pequeno tesouro /Uns partiram daqui, outros vieram para cá /da America do Sul, do leste ou africa /Terras magicas, tragicas, só um cego é qe nao vê /Dignidade é a resposta para todo o porquê /é um direito legitimo, um direito elementar /Viver honrado até isso lhes querem roubar /Custa-me observar, pela honra tanto rico /Pobre cada vez mais pobre, rico cada vez mais rico /São 6 da manha, e tu fazes a tua mala /Ainda nem partis-te e o coração já estala /Com tanta saudade e ainda não sais-te Lagrimas escorrem por quem te despedis-te /Agarras a na mala, limpas a tua cara Dizes adeus aos vizinhos e fazes-te a estrada /Numa viagem em que a vida te obrigou Deixando para trás o sitio que te criou /Vais na esperança de um futuro melhor Uma vida melhor, construida com o teu amor /Obrigado a deixar para trás a tua família, para mais tarde teres uns dias de alegria. (Musica: imigrantes – banda barrako 27).

Os migrantes são alvos certos de inúmeros grupos agroindustriais que encontram neste contingente de explorados a solução para suas necessidades, seja no momento de plantar, no preparo da terra ou na colheita da cana. Enquanto eles os cortadores de cana sofrem pela separação tanto do local de origem quanto de suas famílias.

Em segundo lugar, vem o desafio de *reisignificar a história e a cultura* dos migrantes, quando estes se deslocam seja em termos individuais, seja em termos coletivos. Segundo Serrão (2002), numa sociedade cada vez mais plural, como trabalhar pela aceitação do outro, do estranho, do diferente, é isso se estende ao migrante. A construção da cidadania passa, pela superação dos traumas



acumulados pelos deslocamentos. Isto exige tempo e espaço para contar a própria história. O ato de fala do migrante sobre a história de vida e deslocamento é uma forma de externalizar e exorcizar os medos.

Conforme Novaes (2007) torna-se decisivo o combate a todo tipo de migração forçada. Isto nos leva à luta pela terra e na terra, deste modo apoiar os movimentos no campo e os esforços pela Reforma Agrária e por uma efetiva política agrícola é, sem dúvida, uma forma de evitar a saída compulsória de milhares de famílias. A fixação do ser humano homens e mulheres migrantes de Fagundes na terra, com condições reais de vida e trabalho, é uma forma de diminuir o movimento maciço de migrantes. Sem esquecer, jamais, a liberdade de ir e vir. Nem a fixação nem a migração podem ser forçadas. No caso dos trabalhadores temporários migrantes de Fagundes - PB, que apresentamos nossa proposta de melhores condições: é preciso acompanhar de perto os contratos de trabalho estabelecidos, bem como os acordos finais. Podemos dizer que o migrante é, antes de tudo, um lutador nos caminhos da sobrevivência.

O cotidiano dos trabalhadores temporários migrantes que saíram de Fagundes – PB, mostrar que estes há décadas esperam por dias melhores, mostrando que apesar de séculos passados, o trabalho no canavial, em relação aos direitos do trabalhador não progrediram. Hoje, entretanto, esses trabalhadores migrantes das usinas muitas vezes não se percebem porque não tem nenhum vínculo empregatício fixo. Mas, que através de sindicatos, federações e confederações, eles podem juntos fazer que seja cumprida a Constituição Federal, especialmente no Art. 7 incisos IV, V, XIII, XXII.<sup>4</sup> Trabalhadores esses que estão à margem dos ideais de “Democracia”, estes somente serão desenvolvidos a partir da clareza de ações fundamentadas, em que espertezas de grupos de interesse não tenham espaço. Para combatê-los esses trabalhadores devem ser orientados instruídos e preparados, para a nova realidade do mundo do trabalho.

Realidade esta que segundo Meszáros (2002), nas últimas décadas, pudemos observar que o modo de produção capitalista sofreu inúmeras mudanças

---

<sup>4</sup> Inciso IV estabelece (Salário Mínimo, fixado em lei capaz de atender as suas necessidades). V (piso salarial proporcional a extensão e a complexidade do trabalho). XIII (duração do trabalho não superior a oito horas diárias [...]). XXII (redução dos riscos inerentes ao trabalho, por meio de normas de saúde, higiene e segurança).

em sua estrutura, a partir da reestruturação produtiva, que vem processando com a implantação de novos modelos produtivos a exemplo da mecanização, novas formas de organização de trabalho e inovação técnico científicas. Essas mudanças têm o objetivo de procurar conter as contradições sociais inerentes a crise estrutural do capital, garantir novas bases de produção e reprodução econômica e novas formas de controle sobre o trabalho.

### **3. MIGRANTES DE FAGUNDES –PB, EM USINAS DE ITAMBÉ-PE**

A inserção no mercado de trabalho na Paraíba no século XIX incluía escravizados, e também e mulheres, como negros libertos, brancos, miscigenados e índios, sobretudo no corte de cana. Um produto bastante apreciado e conhecido no mercado internacional no qual alcançava altos preços, e que ainda hoje a produção é muito importante para economia brasileira, com advento do álcool da cana de açúcar, que gera combustíveis para automóveis. A economia dessa região foi estruturada com base na propriedade e no trabalho escravo, sobretudo no plantio e colheita da cana de açúcar, que exigia expansão das plantações por não fazer investimentos em máquinas devido a grandes extensões de terras. (FERLINI, 1998).

No início os engenhos utilizavam basicamente a tração animal ou rodas d água no processo de moagem aliado a força motriz do homem que se encarregava de arar, plantar, adubar, colher e transportar o produto até a moenda. Hoje o beneficiamento do produto exige tecnologia de última geração que gradativamente vai expulsando o trabalhador rural, que sem qualificação fica fora do mercado de trabalho. Em uma sociedade em que a economia tinha por base a grande propriedade e o trabalho escravo, esses homens livres por não terem acesso a terra, se submetiam a qualquer tipo de trabalho oferecido pelos proprietários, sujeitos a serem expulsos a qualquer momento. (FERLINI, 1988).

#### **3.1 ASPECTOS DAS MIGRAÇÕES NA PARAÍBA**

A opção pela lavoura canavieira no Brasil Colonial baseou se no resultado do prévio conhecimento dessa cultura já utilizada em Açores e Madeira, é seu elevado valor no mercado europeu, visto pelos donatários como forma de construir riquezas no Brasil. Porém a crise econômica que se generalizou sobre toda região Nordeste, agravada pelas secas e doenças, levaram trabalhadores a migrarem para a Zona da Mata pernambucana em busca de trabalho nos engenhos e fazendas para tirarem o sustento familiar. ( SZMRECSÁNYI, 1996 ).

Com esses adventos negativos a economia e o trabalho, foram possíveis integrar homens e mulheres como os “Corumbas”<sup>5</sup>, que nos meses de moagem da cana de açúcar, vinham prestar serviços na Zona da Mata, como forma de complementar seus humildes ganhos. Esses homens denominados de corumbas pelos trabalhadores das usinas de cana de Pernambuco utilizavam e utilizam desse termo pejorativo imposto ao lavrador paraibano por aceitar passivamente as condições de trabalho impostas pelos fazendeiros que ao longo da segunda metade do século XIX, preferiu o trabalho destes por não aderirem às manifestações e assembléias em prol de um trabalho mais digno. (MENEZES, 2002).

Contudo Menezes (2002) descreveu que os gestores das usinas preferem os Corumbas, aos trabalhadores locais, já que estes na visão da gerencia, são subversivos e altamente influenciados pelas ações dos sindicatos que segundo eles, estimulam a preguiça, vadiagem e baixa produtividade. Já os migrantes, estes apresentam alto índice de produtividade em contraste com os pernambucanos, que trabalham apenas para cumprir uma única tarefa que é a produção mínima estipulada por dia de trabalho.

Os migrantes fagundenses são visto pelos gestores das Usinas Maravilha e Olho D’água, como seres humanos obediente, disciplinados e produtivos. A maioria deles não se associam aos sindicatos, dificilmente arrumam confusões e pouco faltam ao trabalho. Essa disciplina do migrante fagundense é fruto segundo Hall (2006) do :

O motivo de não se emanarem aos trabalhadores locais e não aderirem às manifestações em prol de melhores condições de trabalho é fruto segundo Hall, do **deslocamento** do sujeito, tanto de seu lugar no mundo social é cultural, quanto de si mesmos. Acredito que o trabalhador migrante sente-se “acuado”, ou “frágil”, diante das transformações de espaço e cultura do habitat ao qual foi inserido, tão quanto das suas limitações já que tem que recorrer a outros espaços em busca de sustento já que seu local não oferece tais condições, por isso, não se engajando aos anseios dos locais, fruto de uma crise de identidade para o individuo (HALL, 2006.p.9).

É necessário ao trabalhador seus direitos trabalhistas e previdenciários, pois torna-se significativo uma gestão que democratize as relações de trabalho, possibilitando que o trabalhador migrante do canavial seja sujeito e protagonista na história da construção de seus direitos. A gestão deve estimular o processo de sindicalização e a organização do trabalho e, sobretudo a criação de espaços de

---

<sup>5</sup> “Corumba” é o termo com que os habitantes da Zona da Mata Pernambucana designam os pequenos agricultores das áreas mais secas da Paraíba que procuram trabalho nos engenho durante o verão (MENEZES, 2002).

negociações para o debate de suas reivindicações. Esses trabalhadores por sua vez devem ser incorporados como sujeitos e criadores de transformações e não como meros agentes cumpridores de tarefas árduas, ou objetos de políticas desumanizadas.

O ideal seria que Organizações Sindicais, Usinas e o Poder Público, buscassem alternativas pactuadas com os trabalhadores em busca de superar os entraves e gargalos decorrentes desse processo de trabalho no corte de cana. Bem como proteção social que significasse o pleno gozo de direitos trabalhistas e previdenciários, já que os problemas detectados na pesquisa realizada com migrantes de Fagundes estão diretamente relacionados às condições inadequadas de vida e trabalho e podem determinar futuras perdas de potencial humano, já que as políticas adotadas atualmente que produzem o crescimento econômico, não parecem estar conseguindo reverter esse quadro da migração na Paraíba. Sobre esse quadro negativo da migração na Paraíba Motta (2011) ressalta que:

Os trabalhadores da Região Sertaneja deixaram as terras e seguiram para municípios do interior paulista, onde trabalharão no corte da cana de açúcar, que nos próximos meses lhe garantirá os salários. Esse fluxo migratório temporário, que ocorre tradicionalmente de janeiro a abril, aumentou nos últimos anos: cerca de 3 mil lavradores paraibanos se afastam de suas famílias a cada ano para ir em busca do trabalho assalariado nas lavouras de cana de São Paulo. Sem mão de obra suficiente, mais de 2,5 mil hectares de arroz deixam de ser plantados em cidades sertanejas da Paraíba, e pelo menos metade da área produtiva que deveria estar ocupada com milho e feijão é transformada em pastagem. (MOTTA, 2011. p. E5).

Nesse caso a migração sertaneja afeta principalmente a economia agrícola, deixando de produzir gêneros alimentícios de primeira necessidade ao ser humano. O quadro aponta para fuga do ser humano do campo já que a agricultura não substancia as necessidades básicas desse migrante, realidade de quase todos os municípios da Paraíba.

Dessa forma, incapaz de incrementar a oferta de emprego, o capital também se mostra incapaz de estagnar ou frear o fluxo migratório ou sequer diminuí-lo. Assim, entendemos que a migração está ligada a capacidade que todo ser humano possui enquanto trabalhador, em vender sua força de trabalho, se deslocando de acordo com as imposições impostas pelo capital.

Nesse sentido e de acordo com Antunes (2000), reforçada uma articulação das dimensões fundamentais do sistema – capital-estado-trabalho – onde as duas primeiras se associam para controlar o trabalho. O afloramento da crise estrutural do

capital destaca dois elementos cruciais para a análise proposta, acerca dos rebatimentos da reestruturação produtiva no mundo do trabalho. Primeiro, a tendência decrescente do valor de uso a partir da natureza destrutiva do capital, e segundo, a incontrolabilidade do sistema de metabolismo social do capital.

Como resposta à sua própria crise, inicia-se um processo de reorganização do capital financeiro, do capital produtivo e principalmente a reelaboração do sistema ideológico e político, acarretando um processo de reestruturação da produção e do trabalho. As novas formas de gestão, a desregulamentação das leis trabalhistas, o surgimento de novas categorias de trabalhadores, acarretaram mudanças no conteúdo do território, da relação cidade-campo e conseqüentemente na ação política dos trabalhadores. (ANTUNES, 2000).

Esses trabalhadores, também conhecidos como (boias frias, corumbas ou safristas), dependendo da região merecem amparo legal, é demais garantias trabalhistas levando em conta a sazonalidade inerente a atividade econômica rural, tão quanto políticas governamentais para incentivar e fomentar a formalização de contratos de trabalhos, garantindo a eles acomodação em seu habitat, proporcionando seus sustentos. Estimativas da Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG, 2010) aponta que existem no campo brasileiro 3.334.975 assalariados e assalariadas rurais sem Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) assinada.

De acordo com a Medida Provisória 410/07 votada em 2010, fica visível quer os organismos públicos que nos representam não criaram mecanismos que possam solucionar as dificuldades trabalhistas. A medida Provisória transcrita abaixo deixa claro o não registro do contrato na Carteira de Trabalho é mais uma forma de segregação dos direitos trabalhistas.

Percebemos poucos avanços em prol dessa classe trabalhadora pelos representantes do povo: a Medida Provisória 410/07 apresentada pelo relator Senador Flavio Arns (PT-PR), que cria mecanismos simplificados para a contratação de trabalhador rural (bóias frias ou safristas), por período de curta duração de no máximo dois meses, dentro do período de um ano, sem a necessidade de registro do contrato na carteira de trabalho, agradou apenas a bancada ruralista. A MP gerou polemica por causa de um dispositivo que poderia dificultar o combate ao trabalho escravo. A Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), através de seu representante Ophir Cavalcante Junior, ao analisar o texto da MP, considerou a medida altamente discriminatória aos trabalhadores rurais em relação aos trabalhadores urbanos, o que feriria o princípio da isonomia, além de dificultar a fiscalização pelo ministério do trabalho. (JUNIOR, 2008. p.3).

A Medida Provisória aprovada no Congresso Nacional deixa claro que os representantes do povo poucos se interessam pelos direitos trabalhistas. A proposta votada não propiciou mecanismos significativos aos homens e mulheres que vivem da venda de sua força de trabalho.

Os protagonistas principais são os trabalhadores que vivenciam cotidianamente e realizam o trabalho, os que têm um conhecimento insubstituível sobre o que é bom e o que é ruim na atividade laboral. Um dos principais problemas é que eles, em sua grande maioria, não têm coragem em delinear ações que possam apresentar suas queixas e problemas, pelo motivo do “literalmente”, medo de represália, diante de um mercado tão competitivo, principalmente para essa classe trabalhadora.

Sobre esta afirmação Faustino (2011) (Informação verbal- Paulino de Souza Faustino, 2011)<sup>6</sup> alega que :

Persiste o problema da pesagem da cana por parte do feitor, o “roubo” continua sendo praticado na hora da cubagem diante dos olhos trêmulos e da face transfigurada pelo cansaço, fome e desrespeito as leis trabalhistas. Diante dos sete anos trabalhando sazonalmente nos engenhos pernambucanos, para ele as mudanças não reproduziram o desejo dos canavieiros. Pela Convenção Coletiva de 2007, o sistema de trabalho deveria ser de 5 dias de trabalho por um dia de descanso. Porém, eles trabalham 12 (doze) dias ininterruptos para ter direito a ao sábado é o domingo para visitar a família. Saem no sábado pela manhã e retornam no domingo a tarde. No entanto Faustino, narrou ter medo em denunciar esses abusos, por medo de o agenciador não o contratá-lo na próxima safra. – agora tenho uma filha e tenho que aguentar esse “arrocho” para poder criá-la. (FAUSTINO, 2011).

Menezes (2002), afirma que esses seres humanos migrantes, também conhecidos por “Corumbas”, são preferidos pelos gerentes das usinas, tão quanto pelos feitores de campo, pois predomina o discurso de que eles são mais submissos ao controle da usina e do trabalho. Do recrutamento ao espaço da moradia, os corumbas são circundados por modelos políticos de controle de trabalho.

A realidade vivida por esses trabalhadores mostra que apesar do significado avanço da ciência em benefício do ser humano, fica claro que ainda não foi pensado formas de garantir inclusão para essa parte da população que está ficando destituída desse direito. Para esses trabalhadores, isso pode significar a submissão a diferentes regras: mudanças freqüentes nos procedimentos a serem adotados. Mesmo que para quem planeja, mas não executa o trabalho, isso significa a inclusão

---

<sup>6</sup> Entrevista fornecida pelo cortador de cana Paulino de Souza Faustino, no Engenho Figueiredo, em Itambé - PE, em Março de 2011.

de pequenas mudanças na organização no processo de trabalho, para aqueles que o executam, tais mudanças podem implicar em grandes exigências em termos de esforço, desgaste da saúde e exclusão.

A mecanização nos canaviais é mais significativa na Região Sudeste, especialmente no Estado de São Paulo, maior produtor de cana de açúcar do País. São Paulo denominada de cidade dormitório, já que os núcleos produtores são as cidades do interior paulista, que há décadas é local de destino de centenas de migrantes de outras regiões da Paraíba, que estão, perdendo postos de trabalho para as máquinas. A respeito desta posição Motta (2011), esclareça que: Mecanização nos canaviais de São Paulo deixará milhares de paraibanos desempregados.

Para alguns paraibanos, com a mecanização nos canaviais, talvez a principal saída seja buscar trabalho em áreas de cultivo de outras culturas, como a do café, que é menos rentável que a cana, do ponto de vista financeiro. Enquanto isso, outros cortadores, esperam juntar dinheiro durante a permanência nos canaviais, para realizarem seus sonhos e guardar um pouco para garantir o período em que estiverem desempregados na Paraíba. Contudo, a migração para os canaviais de São Paulo não só provoca danos à economia agrícola da Paraíba, mas também, trará problemas ainda maiores num futuro próximo, segundo pesquisadores. É que um acordo firmado entre as usinas produtoras de etanol e o governo estadual de São Paulo, antecipou de 2021 para 2014 o fim das queimadas nos canaviais, e assim, os homens perderão o espaço para as máquinas e a tendência será o desemprego em massa. O reflexo dessa mecanização já tem sido observado na região de Ribeirão Preto, Irapuan, Catão e Leme, principais cidades que recebem paraibanos para o corte da cana. Nas últimas três safras, o número de vagas tem caído em média 15% ao ano. No mesmo período, a quantidade de colheitadeiras em atividade quase que quadruplicou. Hoje ainda existem cerca de 140 mil cortadores de cana em São Paulo, e deste total, mais 20% ainda são da Paraíba. (MOTTA, 2011, p. E6)

É indubitável o avanço que as lutas dos trabalhadores moldaram a regulação do uso do trabalho humano nos últimos anos. Ocorrem, entretanto muitas situações como a própria persistência do trabalho escravo, a exploração do trabalho infantil e outras situações, apesar de todo o rechaço social que tais situações provocam. A globalização elevou certamente o tom dessa discussão, no entanto, é louvável a atitude e a conscientização dos consumidores que são contra o trabalho semi escravo, ou que abominam produtos que tenham em sua origem trabalhos em condições indignas. O trabalho desenvolvidos pelos canavieiros produzem três produtos essenciais tanto ao ser humano quanto a economia: a glicose, cachaça e o etanol. (MESZÁROS 2002).

O setor sucroalcooleiro é um local de trabalho intenso, e além de tudo capilarizado em milhares de locais, não se concentrando em determinados locais, o que reduz consideravelmente as chances do controle das condições de seu exercício. Diante da substituição do ser humano pelas máquinas, seria louvável a flexibilização do trabalho tão quanto de incorporar mudanças tecnológicas que possam ser absorvidas pelos trabalhadores migrantes de Fagundes -PB, até porque somos conscientes que não devemos ser retrógrados em relação ao advento dos avanços tecnológicos, porém que sejam em benefícios da sociedade, e que não acarretassem na substituição do trabalho com prejuízos para os trabalhadores migrantes, se transformando em situações e condições precárias, levando principalmente ao desemprego, com o advento das máquinas agrícolas.

Nesse processo de mudança, as grandes revoluções sempre estiveram presentes. As transformações começaram com a Primeira Revolução Industrial, em que a introdução do vapor, usado como fonte de energia, deu início à modernização da produção e do desenvolvimento do sistema de transportes. A Segunda Revolução Industrial trouxe mudanças no processo da industrialização, já que a eletricidade permitiu o desenvolvimento de produções em série. Os avanços da tecnologia mudaram profundamente os hábitos da sociedade e as relações de trabalho. Os trabalhadores, quando não excluídos desse processo, precisam estar sempre se reciclando para conseguir acompanhar o ritmo do mercado que, cada vez mais, aumenta sua exigência. As tecnologias de informação e o aumento da importância do processo eletrônico trouxeram mudanças nas relações de trabalho. O número de trabalhadores com atividades operacionais diminuiu devido à robotização e mecanização. (NOVAES, 2007).

E esta situação não é um fenômeno exclusivo de bancos, do comércio através de compras pela internet, da agroindústria. Enfim, todas as atividades produtivas passaram por um fantástico aperfeiçoamento tecnológico, sempre resultando na eliminação progressiva de trabalhadores que serão substituídos por máquinas, mais eficientes e velozes. As máquinas estão ganhando espaço e aos poucos, até empregos elas vêm conquistando, tornando-se mais um árduo concorrente.

Hobsbawm (1994), afirma que tais contradições reveladas por essa problemática manifestam-se no fato de que tanto o progresso quanto o desenvolvimento econômico, se constituem em mitos construídos no interior da



sociedade capitalista, pois já não traduzem mais o bem estar social outrora possível apenas para uma pequena parcela da população dos países desenvolvidos durante a “Era de Ouro” do capitalismo.

Pode-se observar que, de acordo com a Web Rural Consultoria Agropecuária & Rastreabilidade, a agricultura brasileira a partir da década de 1990 tem se modernizado, principalmente através da implantação das tecnologias de ponta no que se referem aos maquinários usados na plantação e colheita, utilizando de modernos tratores, colheitadeiras e semeadoras equipadas com aparelhos GPS (*Global Positioning System*) que mapeiam o terreno e toda a área a ser plantada, permitindo aos agricultores um aumento na produção e relevante redução de desperdícios de sementes. A partir de 1990, a aquisição de máquinas modernas para a produção agrícola como: semeadoras, colheitadeiras e tratores tornam-se o principal fator para o aumento da produção e colheita. (WEBRURAL, 2008).

O Corte manual é o modo mais comum de colheita da cana-de-açúcar, porém é alvo de muitas polêmicas relacionadas à queima da cana antes da colheita, que visa facilitar o corte. No entanto, a elevada quantidade de poluentes que é liberada na atmosfera em razão dessa prática tem sido muito contestada por diversos segmentos da sociedade. Já colheita mecanizada da cana de açúcar (ver figura 2) é feita em três etapas: corte da cana, carregamento, e o transporte até a usina, sendo a colheita mecanizada economicamente mais interessante, permitindo a padronização e maior segurança para o processo produtivo da indústria, porém este tipo de colheita exige algumas condições específicas, como: solo plano, sem falhas, redimensionamento das áreas de plantio, espaçamento adequado entre as fileiras, plantio mais raso e crescimento ereto da cana, sem tombamentos. O uso das máquinas na colheita de cana tem razões simples: reduz o tempo de colheita, aumenta a produtividade e reduz o custo gasto com a contratação de mão de obra. (TORRES, 2008).



Fig.2 Colheita Mecanizada.

FONTE: (Helder Melquisedec da S. Gomes, Nov,2010)

Todo o serviço repetitivo foi e será substituído pela máquina. Se o avanço tecnológico e toda sua carga de significações são inevitáveis, porém devemos criar mecanismos de agregação ao ser humano. Uma nova proposta de relações de trabalho será resultado da consciência complexa, crítica e ampla dos setores sensíveis da sociedade humana diante do fato óbvio e trágico de que o regime econômico e político vigente não têm qualquer interesse na vida de pelo menos essa parcela considerável de trabalhadores migrantes na agroindústria nordestina.

### **3.2 CARACTERÍSTICAS DE FAGUNDES – PB**

Fagundes, denominada de cidade da fé por ser freqüentada por romeiros de várias cidades do Brasil, que vistam a cidade com destino a Pedra de Santo Antônio, um patrimônio cultural religioso encravada na Serra de Bodopitá, a mais de 520 metros acima do Nível do mar, onde residirão nativos da grande família cariris, que por ali estiveram por volta de 1642. Fagundes localiza-se na microrregião do agreste da Borborema, no Estado da Paraíba, Nordeste do Brasil. O agreste é uma região de transição entre a zona da mata e o Sertão. A cidade limita-se com os seguintes municípios vizinhos: ao Norte Campina Grande-PB, ao Sul Aroeiras-PB, ao Leste Queimadas – PB e a Oeste Itatuba-Pb.

Com uma população próxima dos 12.000,00 (doze mil habitantes), segundo censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (IBGE, 2010), tem diferentemente de outras cidades do seu porte quase 60% de sua população vivendo na zona rural. A cidade presta poucos serviços básicos dos quais dependem os habitantes da área rural, para o desenvolvimento de suas atividades econômicas e sociais. A área urbana conta com serviços básicos a exemplo de transporte, saúde

e educação. Porém segurança, emprego, renda, capacitações etc..., são desconhecidos pela maioria, principalmente os da área rural.

As atividades econômicas do município de Fagundes, comércio, serviços públicos e agricultura não conseguem oferecer opções de emprego a toda a população que busca melhores condições de emprego em outras cidades da região, principalmente Campina Grande. Este fato comprova-se todos os dias de manhã, quando pode-se observar a grande quantidade de pessoas do município que dirigem-se para a referida cidade para trabalhar ou à procura de emprego. Os pequenos e médios municípios que tem sua base social e econômica entorno da agricultura, enfrentam dificuldades que fazem parte da crise do modelo de desenvolvimento brasileiro. Nesse sentido, cada vez mais, a renda originada da atividade agrícola é insuficiente para promover a sobrevivência dos pequenos produtores rurais, tomando como exemplo o que foi narrado nas entrevistas, eles procuram ser pluriativos, buscando realização de um conjunto de atividades para a complementação da renda, levando a sua reprodução social.

Segundo Menezes (2002), o trabalho assalariado, em geral, é encontrado apenas em locais distantes de suas comunidades, o que os obriga a migrarem. Para outros nas condições de moradores, migração ou residência fora da propriedade representa uma oportunidade de escapar a sujeição, uma condição social atribuída ao morador.

A respeito dessa afirmação o cortador de cana (informação verbal – Antônio Justino de Andrade, 2010), durante sua entrevista manifestou posicionamento favorável a não mais aceitar as duras condições impostas pelos patrões preferindo migrar em busca de melhores condições de vida.

Trabalhava, e era morador de dona Salete. As quatro da madrugada pegava na lida, tirava o leite, fazia ração, soltava o gado, lá para as oito e que tomava café. Depois reparava as cercas, cuidava da estrutura do curral, vez e quando ia à rua buscar pasta e farelo, ou outros mandatos. Depois do almoço, dava uma volta no campo olhava o gado e recolhia para o curral, distribuía a ração na cocheira, então era que eu ficava livre. Essa peleja era de domingo a domingo para ganhar trezentos reais por mês. Quando queria tomar uma (cachaça), tinha que sair escondido. Há eu não aguentei e desci pro brejo. Informação Verbal. (ANDRADE, 2011).

Como nem todas as cidades possuem os mesmos ramos de atividades e/ou distribuem os mesmos tipos de bens e serviços, Itambé em Pernambuco, tornou-se pólo atrativo de migrantes fagundenses há muito tempo em busca de um serviço essencial que além de dignificar o ser humano nos moldes atuais, é essencial para

sua manutenção econômica e social, já que em Fagundes não há pólos trabalhistas para agregar grande parcela da população, principalmente as atividades agroindustriais. (RASSIER, 2005).

A família rural típica não se reúne mais em torno da exploração agropecuária como antes, por motivos claros já explorados antes. O patrimônio familiar a ser preservado inclui as terras e, acima de tudo, a casa dos pais que se transforma numa espécie de base territorial, acolhendo os parentes próximos em algumas ocasiões festivas e tornando-se cada vez mais um ponto de refúgio nas crises, especialmente do desemprego, além de permanecer como alternativa de retorno para a velhice. Além disso, a gestão familiar inclui agora outros "negócios" não-agrícolas como parte de sua estratégia de sobrevivência (maioria dos casos) ou mesmo de acumulação. Em outras palavras, o centro das atividades da família deixou de ser a agricultura porque a família deixou de ser agrícola como forma de sobrevivência e se tornou pluriativa, embora permaneça residindo no campo. (SERRÃO, 2002).

Como meio de sobrevivência as famílias de forma "mágicas", se desdobram articulando formas negociativas com intuito de prover renda para o sustento da instituição. Essas equações malabarísticas vão desde a troca de objetos como animais, passarinhos, ferramentas, galinhas etc..., por alimentos ou por produtos advindos do trabalho como lenha, carvão, mel etc... , permuta de trabalho, empréstimo com juros abusivos para ser pago com a venda do lucro do alimento (milho, feijão, fava, batata e jerimum) no fim da colheita, encarecendo ainda mais a vida do canavieiro.

Segundo o TCE-PB (2010), havia 522 funcionários públicos municipais, e o restante da população economicamente ativa está distribuída (a minoria em outros empregos públicos), restando a grande maioria empregos informais ou inseridos na agricultura de subsistência. As frágeis estruturas físicas do município atrelam-se a diminuição e produção oriunda da agricultura, ainda que antes essa fosse quase a única atividade econômica. Isso se dá por falta de diversos fatores: falta de incentivo, solos bastante desgastados, um literal antagonismo por parte dos mais novos em realizar atividade primária, já que o segredo para manter esses sujeitos ativos no campo seria a "ressignificação", da vida no campo a partir de atividades práticas e de valorização de todos os saberes: seja ele o tradicional ou o inédito como a adoção de técnicas de cultivos menos agressivas ao meio ambiente.

Diante dos seus 49 anos de emancipação política os gestores não pensaram a cidade como um modelo de infra estrutura, que desenvolvesse o município de forma a garantir a permanência dos seus filhos, e seu desenvolvimento pleno. Acredito que esse ponto negativo se dá porque na visão dos políticos que administraram a cidade até o momento, talvez houvesse em suas mentes o pressuposto da perda. Com certeza se houvesse políticas públicas voltada a garantir o desenvolvimento tanto pessoal como estrutural, haveria um distanciamento em relação ao assistencialismo e a dependência daqueles menos informados e preparados população sofrida \* gestor que na hora do pleito figuram como fiel da balança em favor de políticos com visões arcaicas.

A prova disso é que o município, não dispõe de pelo menos pequenas fábricas. Nos últimos dez anos, apenas uma fábrica de pequeno porte se instalou no município. Porém buscou utilizar de mão de obra barata para determinadas etapas de sua produção é isso não se reverteu em desenvolvimento econômico e social. Como não utilizou de mecanismos legais para a instalação, já que o produto trabalhado feria os tramites ambiental, e também estava próximo de um núcleo residencial, pouco sobreviveu.

Trabalhos voltados para o desenvolvimento sustentável a exemplo da produção de oleaginosa um combustível derivado de fontes renováveis de energia, como mamona, dendê, girassol, babaçu, amendoim, pinha manso e dezenas de outras espécies vegetais abundantes em nosso País, já que o município segundo estudos da Empresa de Assistência Técnica e extensão Rural (EMATER – PB) (subsidiária em Fagundes) dispõe de solo rico para o plantio e poderia ser uma alternativa, ainda não foram implantadas, as casas de farinhas estão desativadas, a criação de caprinos, galinhas, suínos, pisciculturas, apicultura etc..., não estão sendo exploradas.

O Turismo em áreas rurais de Fagundes deve ser explorado já que o município é rico em trilhas, natureza exuberante, inscrições rupestres como forma de lazer fundamentada na paisagem natural, no patrimônio cultural e no desenvolvimento social das regiões rurais do Município. Essa atividade tem como principal objetivo promover a compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo os aspectos naturais, socioeconômicos, culturais e éticos. Um misto de agro-ecoturismo, com ênfase na valorização da identidade cultural regional e na melhoria das condições de vida da comunidade

local. Como alternativa de desenvolvimento local sustentável, principalmente por ser uma atividade relativamente nova e que proporciona o bem-estar da sociedade em geral.

O turismo aparece como um elemento novo no panorama econômico do mundo rural, sendo considerado, inclusive, como uma atividade econômica relevante na busca de melhorias nas condições de vida dos agricultores familiares, os quais diversificam suas formas de trabalho visando ampliar seus níveis de renda.

Uma das principais preocupações do governo municipal devia ser o fortalecimento do município, através de várias iniciativas no sentido de resultarem em mais recursos financeiros e no aprimoramento na gestão administrativa da cidade. Afinal, a maior parte dos serviços públicos essenciais a população é prestada diretamente pelo município, bem como fortalecido institucionalmente poderia contribuir para combater as desigualdades sociais.

Um dos exemplos que poderiam ser planejados seria a participação ampla de todos os setores da sociedade nas decisões sobre o futuro desses trabalhadores, fosse com investimentos para melhorar a qualidade de vida da população e desenvolvimento sustentável a exemplo de como faz outras cidades brasileiras que superaram com exemplos de planejamento.

De acordo com o próprio Dantas, 2011 (informação verbal – Gilberto Ferreira Muniz Dantas), <sup>7</sup> descreveu que, os gestores devem priorizar os investimentos públicos e as ações da iniciativa privada para construir uma cidade com infraestrutura para possibilitar que a população tenha uma qualidade de vida adequada as suas necessidades é isso inclui emprego e renda, observando as adequações e disponibilidades. Porém, o gestor declarou que não se deu conta dessa parte da população que segundo ele reconhece que precisam de um outro “olhar”. Ele priorizou trabalho voltados mais a comunidade urbana, principalmente a parte da infra-estruturar e modernização da cidade. Na área rural, foram criados postos de saúde e revitalização das escolas, mas nenhum mecanismo de emprego e renda.

Pensar numa cidade com infraestrutura planejada para atender seus municípios com desenvolvimento pleno dos serviços e direitos básicos significa segundo Rassier, (2005) :

---

<sup>7</sup> Entrevista fornecida por Gilberto Ferreira Muniz Dantas, Prefeito Constitucional da cidade de Fagundes, em seu gabinete em Maio de 2011.

Segundo o diretor executivo da Associação Brasileira dos Municípios (ABM), sociólogo José Carlos Rassier, destaca que a visão sobre planejamento das cidades deve estar associada à noção de desenvolvimento onde população e gestores atendam aos pressupostos da sustentabilidade social, econômica e ambiental. Uma das principais características das cidades planejadas é que elas estão buscando democratizar ao máximo as relações de poder articulando espaços de diálogo interinstitucional entre o público, o privado e a sociedade. São cidades que se planejam a partir das suas necessidades e demarcam campos de referência e metas a serem obtidas. (RASIER, 2005, p..27).

No entanto, estas ações não estão sendo executadas em Fagundes visto que é necessário perseguir a ideia de que o futuro não pode ser uma repetição do passado. Os gestores devem compreender que são líderes de um processo social e não apenas chefes de uma máquina de gerir que nem sempre é eficaz.

Buscar programas que facilitem o acesso do homem do campo a melhores tecnologias, bem como facilitar o acesso a novos empreendimentos e o aproveitamento de novas oportunidades econômicas, como armas para lutar contra a mutilação de vidas humanas provocadas pelo capitalismo, fazendo com que nós possamos descobrir outras formas de manifestações do que somos, do que sentimos, revelando nossas potencialidades e, acima de tudo representá-las. O trabalho segundo Marx, é o processo pelo qual o homem interage com a natureza a fim de apropriar-se de seus recursos, para garantia de seu bem estar físico e espiritual.

A articulação entre os governos com a implantação de políticas de desenvolvimento voltadas para esses migrantes; adoção de um programa de fortalecimento da agricultura familiar; implantação e incremento à educação e formação técnica; programas estruturantes de cadeias produtivas de fruticultura, mandioca, agricultura de subsistência, turismo, mel, incentivo ao artesanato, entre outras seriam alternativas de melhorias.

A ponte para essas garantias podem estar através de mais crédito e proteção da produção agrícola para as famílias do campo. Esses podem ser pilares de programas governamentais, para atender diretamente famílias fagundenses de núcleos familiares rurais, através, por exemplo, de juros mais baixos. Outros colaboradores podem ser os agentes de órgãos governamentais ou das associações rurais, que por conhecerem as demandas regionais, podem diagnosticar os problemas e as potencialidades das comunidades, orientando na criação de novos empreendimentos.

### 3.3 O TRABALHO DE MIGRANTES DE FAGUNDES- PB NAS USINAS MARAVILHA E SANTA TEREZA

Conforme (Novaes, 2007), as migrações são movimentos que implica na esfera social, econômica, política e cultural, cujos efeitos contribuem para minimizar o desemprego. O foco deste trabalho é esclarecer que essas formas de ocupação, organização e valorização de certas áreas do território brasileiro; tem gerado desequilíbrios e grandes desníveis econômicos e sociais. Entre as causas recentes, está a substituição de massa de trabalhadores no aumento do uso das máquinas no processo produtivo, a industrialização é que tem impulsionado as migrações internas.

Assim as rotineiras mudanças estruturais do Sistema Capitalista, atingem a questão do mercado de trabalho e emprego colocando-o como um dos problemas de maior gravidade tanto econômico como previdenciário para o governo, gerando exclusão social, isto porque, segundo Antunes (2000), o desemprego deixou de ser um tema específico de um determinado país e passou a ter alcance global, em revelia a emergência das graves crises econômicas que afetaram as principais economias capitalistas nas últimas décadas.

Burke Apud Bauman, (2003) esclarece que:

Com o aumento da mecanização a indústria canavieira está empregando menos trabalhadores do setor sucroalcooleiro. A expectativa é que a mecanização produza demissões em massa, já que cada colheitadeira substitui o trabalho de 80 cortadores. Além da produção do açúcar, o descobrimento do álcool combustível e, mais recentemente, do biodiesel levaram à modernização das usinas e também dos usineiros. Novos equipamentos, nova moeda, nova economia.

Foi o moderno sistema industrial que, separando os empregadores e empregados nos processos de manufatura e diferenciando cada vez mais suas funções, suprimiu a atmosfera de intimidade que reinava entre uns e outros e estimulou os antagonismos de classe. O novo regime tornava mais fácil, além disso, ao capitalista, explorar o trabalho de seus empregados, a troca de salários ínfimos. (HOLANDA, 2008, p. 142).

Este é o caso do ex- cortador de cana Berto do Nascimento Silva (2011) (informação verbal) que deixou o corte manual no Engenho Retirada II, porque viu uma oportunidade de melhorar de vida, conta o agora o operador responsável por conduzir uma máquina que está substituindo seus companheiros.

Dei sorte quando me deixaram fazer um teste para operar um adubador (espécie de trator de pequeno porte com mecanismo para preparar a terra), (Informação verbal) relata o canavieiro (B.N.S, 2011) conta que as



condições de trabalho e financeiras melhoraram com a nova profissão. Meu salário aumentou em 80% revela. Vagas como a de B.N.S ilustram a mudança da realidade nas usinas brasileiras, que caminham para a redução do corte manual da cana. Uma das diretrizes do zoneamento é justamente o uso de áreas com declividade igual ou inferior a 12%, que permitam a mecanização e eliminam o corte manual. E o restante da massa trabalhadora, onde vão agrupar? (SILVA, 2011).

A cana é a planta que mais gera empregos na agricultura brasileira: cerca de 1,2 milhão, pelos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNUD). Segundo o Órgão em 2010, havia 629 mil pessoas trabalhando com a lavoura de cana - mais do que com café (479 mil) e quase o mesmo que soja, milho, arroz, citros e mandioca, juntos (633 mil). Outras 567 mil pessoas trabalham no ramo industrial da cana, ligados ao refino de açúcar e álcool. Se forem considerados apenas os empregos formais ligados à produção de bioetanol, esse número é de 465 mil trabalhadores - seis vezes mais do que emprega a indústria do petróleo (73 mil), segundo a pesquisadora Marcia Bitencourt, do Ministério do Trabalho. (Relatório Anual do Ministério do Trabalho e Emprego, 2010).

Segundo Alves (2002), o sistema mecanizado emprega em suas operações máquinas e equipamentos desenvolvidos especialmente para a cultura de cana. Para o plantio, por exemplo, existem vários tipos de equipamentos, sendo que os mais simples apenas picam as mudas e fazem sua distribuição no sulco, empregando ainda, um maior número de pessoas para realizar a alimentação das bicas. Os equipamentos mais modernos a exemplos dos tracionados por trator e máquinas autopropelidas, é quem fazem desde a abertura do sulco até a distribuição das mudas, (ver figura 3) adubação e cobertura do sulco em uma única operação. Nos sistemas mecanizados de colheita, todas as operações de corte, carregamento e transporte são realizados por máquinas.



Fig. 3 Máquina autoprelida – FONTE:( Helder Melquisedec da S. Gomes, Nov, 2010).

A produção agrícola nos tempos de hoje, para conseguir atender à demanda do comércio mundial, depende basicamente do uso das máquinas no campo. Para que se tenha uma idéia do impacto que o uso da tecnologia produz no dia a dia do homem do campo, basta verificar que o trabalho que um ser humano saudável produziria, ao final de uma jornada de dez horas fosse no cabo da enxada, e ou na derrubada da cana pode ser obtido em poucos segundos, utilizando-se de um moderno trator agrícola, ou de uma colheitadeira. (TORRES, 2008).

A adoção do sistema mecanizado de plantio ou de colheita necessita de reformulação de todas as práticas culturais para adaptar as lavouras para esse sistema. Ou seja, em terrenos acidentados, as máquinas não são usadas. As maiorias das novas usinas que estão sendo instaladas no Brasil optaram por terrenos planos e estruturados para que os sistemas mecanizados de plantio e de colheita sejam totalmente mecanizados. As demais usinas ainda empregam combinação destes sistemas, em maior ou menor porcentagem, dependendo da região, declividade do terreno, disponibilidade de mão-de-obra e capacidade de investimento. Quero mostrar que num futuro bem próximo não vai haver mais espaço para o cortador de cana. (ALVES, 2002).

Em nossa sociedade, nos dias atuais a maioria das pessoas que trabalham recebem salários pelas atividades realizadas. Através desse dinheiro que elas garantem os seus sustentos e o de suas famílias, com isso tentam melhorar as suas condições de vida. Porém nem sempre foi assim. No Brasil durante séculos, grandes parcelas de trabalho foram executadas por homens e mulheres na condição de escravos, partindo dos povos indígenas, ao africano, oriundo do comércio escravistas, trazidos e vendidos em mercados públicos aos que os utilizavam em diversas atividades. Talvez, estivesse aí o início da primeira luta entre desiguais. A luta do capital em processo de expansão, desenvolvimento e de acumulação. (SZMRECSÁNYI, 1996).

Para Antunes (2004), a classe trabalhadora no século XXI, em plena era da globalização, é mais fragmentada, mais heterogênea e ainda mais diversificada. Pode-se constatar, neste processo, uma perda significativa de direitos trabalhistas, previdenciários e de sentidos, em sintonia com o caráter destrutivo do capital vigente. O sistema de metabolismo, sob o controle do capital, tornou o trabalho

ainda mais precarizado, por meio das formas de subemprego, desempregado, trabalho degradante, intensificando os níveis de exploração para aqueles que trabalham. A classe trabalhadora, hoje, também incorpora o proletariado rural, que vende a sua força de trabalho para o capital, de que são exemplos os assalariados das regiões agroindustriais, (com vínculo empregatício registrado), e incorpora também o proletariado precarizado, (sem vínculo formalizado), o proletariado moderno, fabril e de serviços, que se caracteriza pelo vínculo de trabalho temporário, pelo trabalho precarizado, em expansão na totalidade do mundo produtivo.

A atividade açucareira envolve dois setores articulados entre si: um setor agrícola, destinado ao plantio e a colheita da cana de açúcar, e a produção de alimentos, e um setor fabril, denominado usina, responsável pela transformação da cana de açúcar e demais processamento do produto, já que além do açúcar e etanol, a cana pode gerar, por exemplo, bioeletricidade, levedura seca para ração animal, torta e vinhaça para adubação. (BARROS, 2011).

Nas últimas duas décadas, tempo em que as chaminés de tijolinhos foram desativadas, os investimentos em pesquisa e desenvolvimento possibilitaram, por exemplo, mudanças na área técnico científica, fosse na mecanização para acelerar a produção ou na eficiência da lavoura, no uso do bagaço, no aproveitamento da vinhaça, desenvolvimentos estes que representam a memória de uma produção de cana de açúcar que não existe mais.

Todo o plantel de trabalhadores migrantes de Fagundes desenvolvem suas atividades apenas no setor agrícola (corte, manejo, adubação, pulverização, irrigação e lambaio). Muitos deles, depois de várias safras no corte de cana, adquiriram experiências que poderiam ser aproveitadas no setor fabril. Porém, por determinação das usinas, esses trabalhadores não são aproveitados em nenhuma das etapas do processo fabril e também não tem ideia do lucro gerado, fruto da mão de obra barata executadas por eles.

De acordo com Antunes, temos neste caso,

Um exemplo de intensificação e superexploração do trabalho caracterizado pelo assalariamento como relação de trabalho predominante, o que de fato é uma característica do mundo do trabalho hoje, haja vista que o capital é incapaz de realizar sua auto-avaliação sem utilizar-se do trabalho humano. (ANTUNES, 1999, p.232).

O capital continua explorando é distanciando cada vez, mas o trabalhador de suas necessidades básicas. Temos neste momento profundas mutações no processo de trabalho as quais se dão nas diferentes dimensões da vida dos trabalhadores. Desta forma os trabalhadores são cobrados a todo custo por melhores resultados nos processos produtivos.

Tradicionalmente, o tema das condições de vida, trabalho, saúde e doença dos trabalhadores rurais de Fagundes, evoca estereótipos, entre eles a associação com atividades rudimentares, trabalhadores empobrecidos, socialmente marginalizados e intoxicados pelos agrotóxicos. As atividades econômicas ligadas ao campo ou ao meio rural têm raízes profundas na história brasileira. Nessa linha de pensamento, as condições de vida e saúde dos trabalhadores é condicionada por fatores sociais, econômicos e organizacionais relacionados ao perfil de produção e consumo, além de fatores de risco de natureza físicos, químicos, biológicos, mecânicos e ergonômicos presentes nos processos de trabalho particulares.

A respeito das duras condições de trabalho no canavial o cortador de cana, (informação verbal- Luciano de Melo Silva, 2011) <sup>8</sup> descreve que:

As quatro da madrugada, o sujeito, depois de uma noite mal dormida devido à inexistência de acomodações com mínimo de conforto bem como quanto pelo desgaste físico do corpo, dormindo em redes entrelaçados uns sobre os outros, mais parecendo um aglomerado de índios, falta de água potável, de instalações sanitárias, desprovidos de equipamentos de segurança, não oferecendo condições de higiene, os trabalhadores em sua maioria fazem suas necessidades nos locais próximos de onde cortam a cana, favorecendo a disseminação de verminoses, ele pega sua ferramenta de trabalho, a foice, e inicia sua jornada de trabalho que pode durar até onze horas. Muitas das vezes utilizam transportes em péssimas condições que os conduzem aos locais mais distantes. Esse processo de trabalho exige grande esforço físico, carregamento de peso e riscos de infecções e acidentes. (SILVA, 2011).

Essa jornada de trabalho intensa ao que são submetidos os trabalhadores migrantes de Fagundes-PB nos canaviais de Itambé-PE, segundo Thompson, (1998) é fruto de tempos remotos: “O criado da fazenda, ou o trabalhador rural regular e remunerado, que trabalhava impecavelmente, todas as horas regulamentares ou até mais, como são hoje submetidos os migrantes fagundenses, que não tinha direitos ou terras comuns, e que se não morasse na casa do patrão,

---

<sup>8</sup> Entrevista fornecida por Luciano de Melo Silva, num dos ramos momentos de lazer na casa de um amigo em Fagundes-PB em 01 de Maio de 2011.

vivia numa choupana a ela vinculada, estava sem dúvida sujeito a uma intensa disciplina de trabalho, tanto no século XVII como no XIX.

Enfrentando todo tipo de adversidade, o canavieiro dribla o sol escaldante derrubando cana, uma das fontes de divisa desde a época colonial, um produto rentável de grande aceitação nos mercados internacionais que gera lucro sob o trabalho de entre muitos, migrantes fagundenses, que cortam cana em troca de um salário não digno de seus esforços. Às dez horas eles fazem a primeira refeição diária, conhecida tradicionalmente por “Quarenta”, alimento a base de milho pré-cozido que é escaldado e acompanhado de carne seca para evitar câimbras, consumido ali mesmo no canavial. Em seguida ingere uns dois ou três copos com água que transportam numa moringa para dar sensação de estomago cheio. Repousa no máximo uns trinta minutos, ora conversando com companheiros do eito, ora amolando a ferramenta de trabalho. (MENEZES, 2002).

Neste sentido (informação verbal- Antônio Francisco Pereira Neto, (2011) <sup>9</sup> enfatiza que:

A segunda jornada de trabalho pode ir até as quinze ou dezesseis horas. É quando o trabalhador se depara com parte de seu trabalho afanado pelo feitor do engenho, que não se omite em fazê-lo por não existir fiscalização rotineira por parte do Ministério do Trabalho ou sindicatos de classe, que punam esta ação. Passam a respirar com maior intensidade devido a ação do vento, impurezas decorrente da queima da cana, que deixa o corpo do trabalhador coberto de fuligem que no futuro irão prejudicar a saúde desses trabalhadores que migram todos os anos para executar este trabalho sazonal, e que se organizam em safras e entressafras, perpetuando um trabalho com relações históricas e sociais. (NETO, 2011).

Trabalhadores migrantes de Fagundes – PB, nos engenhos das usinas Santa Tereza e Maravilha, em Pernambuco, desenvolvem um trabalho árduo, onde a grande maioria destes trabalhadores percebe salários que variam de 1 a 2 salários mínimos, em condições de trabalho escravo, com comprometimento de sua saúde e desestruturação de suas famílias, devido à ausência temporária dos seus lares por 4 a 10 meses, e sem perspectivas de garantias trabalhistas, já que os acordos formalizados entre os sindicatos são desrespeitados pelos gerentes das usinas. A citação abaixo define esta afirmação.

Os trabalhadores canavieiros são submetidos a um processo intensivo de exploração, expresso através de uma longa jornada de trabalho e, no caso dos corumbas, condições degradantes de moradia nos alojamentos. As relações de trabalho são anualmente negociadas entre os sindicatos, associações de usineiros e o estado. Os acordos firmados são consolidados

---

<sup>9</sup> Entrevista fornecida pelo cortador de cana Antônio Francisco Pereira Neto, em sua moradia no Sitio Craibeira – Fagundes-PB, em Abril de 2011.

na Convenção Coletiva. Apesar de este documento ter estatuto legal [...], ele é regularmente desrespeitado, negando-se aos trabalhadores alguns direitos básicos garantidos em lei. [...] Os paraibanos entendem que a pesagem da cana é propositalmente incorreta, pois produzem mais do que é registrado pelos feitores. (MENEZES, 2002, p.191).

Estes manuseiam também agrotóxicos, substância química extremamente prejudicial à saúde para os trabalhadores. Alguns trabalhadores migrantes de Fagundes já morrerão com causa morte “*neoplasia no sangue*” por conta desse manuseio. O grau de escolaridade desses semi escravos não passam em sua maioria do 6<sup>a</sup> ano do ensino fundamental . Esse com certeza é um dos fatores que além de impedir o desenvolvimento, acarreta na falta de informação dificultando a busca por seus direitos.

Para Thompson (1998), a categoria experiência revela-se como central. É somente através da experiência que o indivíduo desenvolve e incorpora valores. E tais valores não podem ser compreendidos apenas como uma imposição, mas como criação, subjetivação, ressignificação. Nos costumes encontrar-se-iam férteis exemplos de resistência e luta, e não somente nos fóruns institucionais.

Muitos são os casos de acidente ou mutilações sofridas, devido ao desgaste físico, mental tão quanto à falta de uma alimentação digna. A alimentação é comprada nos barracões dos engenhos a preço superfaturado, encarecendo ainda mais a vida do migrante, que depois da refeição da tarde, armam a rede e vão repousar o corpo cansado das inúmeras LER (Lesões por Esforço Repetitivo), devido a sobrecarga física e as extensas jornadas de trabalho.

Conforme Maeno (2007), as Lesões por Esforços Repetitivos (LER), ou os Distúrbios Osteomusculares relacionados ao trabalho como são denominados pela Previdência Social, constituem-se num dos mais sérios problemas de saúde enfrentados pelos trabalhadores. Esse é, sem dúvida um dos reflexos mais diretos das mudanças ocorridas nas condições e ambientes de trabalho com a implantação de processos automatizados, com o aumento de ritmo e da pressão para execução do trabalho bem como a redução dos postos de trabalho.

Ferlini (1998) considera que as relações de violência, trabalho pesado, péssima alimentação e roupas em farrapos, era o cotidiano dos escravos na sociedade açucareira. Mas não eram os únicos a viver uma situação extremamente difícil. Todos os que não detinham a posse da terra, ou mesmo um arredamento, eram obrigados a se assalariar para sobreviver. Tornavam-se agregados nos

engenhos, vivendo sob proteção e a autoridade do proprietário. Na prática, formavam uma legião de excluídos, ou desclassificados do açúcar.

Na atualidade, o processo de reestruturação produtiva, que tem avançado aceleradamente no País a partir dos anos 90, em consequência da globalização da economia repercute sobre a atividade rural, agravando, em muitos casos, situações de exploração e desigualdade historicamente construídas. A precarização do trabalho caracterizada pela desregulamentação e perda de direitos trabalhistas e sociais; a legalização dos trabalhos temporários; a informatização do trabalho e o aumento do número de trabalhadores autônomos, que sempre existiu no campo, foi legitimada e se estendeu ao universo urbano. (TORRES, 2008).

Ao universo dos fatores de risco presentes no trabalho se somam, ou potencializam, os decorrentes das más condições de vida, dificuldade de acesso à escola, habitação, saneamento básico, transporte, aos serviços de saúde e meios de comunicação. Ressalta-se que dentro deste contexto de organização do trabalho e da produção, os aspectos ligados a equipamentos, ambiente físico e pressão podem contribuir para torná-lo cada vez mais desgastante. Acreditamos assim, que a atuação conjunta de todas estas variáveis, impede os cortadores de cana de estabelecerem um ritmo de trabalho apropriado e redefinir a carga de trabalho que lhe seja suportável.

Sobre as condições de vida observamos que homens e mulheres se sentem envergonhados por não possuírem determinados objetos que os dignificam enquanto pobres. Muito embora a mídia nos remeta dados de que alguns bens de consumo antes utópicos as famílias estudadas, adentram cada vez mais a casas de brasileiros como essas famílias migrantes de classe média baixa, porém isso não foi presenciado já que seus ganhos não são suficientes.

A respeito dos baixos salários o entrevistado Neto, a mais de dez safras no corte de cana (informação verbal- Antônio Francisco Pereira Neto ,( 2011), declarou que:

O que ganho é insuficiente para manter a família. Primeiro tenho que fazer duas feiras quinzenalmente, segundo o feitor rouba que só a gota e terceiro é descontado do nosso bolço uma quantia que é repassada para pagar o ajudador. Tenho vontade de comprar umas arrumações aqui para casa, mas nunca sobra. Ceíça (esposa), reclama, e as vezes acha que eu tó gastando no cabaré em Goiana, mas, é porque o dinheiro não da mesmo. Quando o lucro era bom, deixava uma reserva guardada para comprar os moveis, agora o que lucro não dá nem para o gasto da casa. (NETO, 2011).

O trabalho dos migrantes fagundenses na agricultura de subsistência inicia logo após o término da safra de cana, estendendo-se de Fevereiro a Julho no máximo, partindo da preparação do solo, que na maioria das vezes não chega a ser suficiente para alimentar a si e a seus dependentes, já que a terra, além de ser explorada erroneamente, a maioria das famílias dos migrantes não recebem subsídios dos órgãos competentes como forma de garantir a exploração do ambiente de maneira a garantir a perenidade dos recursos ambientais renováveis.

A respeito do trabalho na agricultura Moraes (2006), faz uma reflexão e menciona que essa atividade, necessita da colaboração de quase todos os membros da família no seu desenrolar, já que o homem enquanto sujeito não disponibiliza de ganhos extras para custear diárias de trabalhadores contratados. O local onde são plantadas as lavouras temporárias, já que o ciclo vegetativo é inferior a um ano, e que após a colheita necessitam de novo plantio, para produzir geralmente ficam distante dos domicílios residenciais dos migrantes, por não dispor de terras para o plantio.

Conforme Sobrinho (2010), os agricultores migram para o corte de cana a partir do mês de: (informação verbal- João Pereira Sobrinho (2011) <sup>10</sup>. no início de Agosto/Setembro os migrantes partem para a atividade secundária que é o corte de cana. Os lucros obtidos advindos do corte de cana, basicamente suporta a alimentação, o vestuário, despesas com energia, água e prestação de objetos domésticos comprados na maioria das vezes a atravessadores (prestanistas), que cobram juros altos. Boa parte das famílias entrevistadas contam com ajudas financeiras advindas de filhos que estão colocados em subempregos, geralmente na Região Sudeste. Os formados na economia da vida ainda conseguem poupar um pouco, para ser usado em pagamentos e compras extras quando estão fora dessa atividade sazonal. Outros investem em caprinos, ovinos e suínos, que será vendido na hora do aperto.

Aos menos precavidos na arte de economizar, que na verdade não tem nem como economizar com o peso da nossa política tributária, eles se salvam com ajudas sejam do Governo Federal (bolsa família é seguro safra), do Governo Estadual (entrega de pão, fubá e leite) e do Governo Municipal (benefícios como

---

<sup>10</sup> Entrevista fornecida por João Pereira Sobrinho "João Galego" (Presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Fagundes - STRF) em Março de 2011.



pagamentos de água, luz e remédios). Porém nem todas as famílias são cadastradas, principalmente as que residem em núcleos rurais do município, sejam por burocracia e ineficiência de funcionários, falta de informações por parte dessas famílias ou por questões políticas que distanciam determinadas famílias dos direitos a cidadania.

O conceito de democracia é amplamente difundido como o governo do povo para o povo. Entretanto em determinadas situações, é muito difícil distinguir quem de fato, faz parte desse povo. Apesar de os documentos legais (Art. 5º da C.F, 1988) garantirem a igual dignidade entre as pessoas, a voz política de muitos se mantém sem repercussão. A democracia jamais prosperar com a grande confusão entre interesses públicos e privados constantes em nossa administração. Segundo Camelo, (2011), vários seguimentos da sociedade, inclusive alguns dos abastados, sofrem a escuridão do não saber.

Muitos preferem conservar a pobreza do outro para tirar, proveito da vil devastação humana. Para as sociedades modernas consideradas em ebulição constante, o que está em jogo é a ganância econômica impactada pela globalização que produzem antagonismos sociais alarmantes produzindo diferentes posições de sujeitos (CAMELO, 2011, p. C3).

A classe trabalhadora de hoje, continua sendo explorada em detrimento de uma minoria embuida pela ganancia e pelo modo capitalista de produção que só aumenta o poder aquisitivo dos que exploram a mão de obra dos que vendem sua força de trabalho.

Segundo Thomaz Jr (2007) o trabalho semi escravo gera lucro para quem explora e pobreza para quem é explorado, faz parte da cultura econômica brasileira e está diretamente ligado ao trabalho escravo. Em outros termos, renda, riqueza e poder são o resultado da eficiência do sistema econômico e da produtividade do trabalho daqueles que são responsáveis pela organização do sistema, não o produto da exploração de outros povos e trabalhadores. Tanto na cidade quanto nas áreas rurais, a distância cada vez maior entre ricos e pobres gera tensões que levam a conflitos e que resultam em sérios problemas sociais, como o aumento da criminalidade, da marginalidade e as constantes manifestações de violência criadas pela avareza humana.

Típico trabalhador (ver figura nº 4) empregado no corte da cana-de-açúcar, na cidade de Itambé – PE, cuja a intensa mecanização dos canaviais tem gerado atritos político e social, já que a vida util desses trabalhadores que atuam na colheita da

cana tem diminuído consideravelmente segundo dados da ONG Reporte Brasil (2009), atrelado as condições insalubres de trabalho tomando com base que na década de 1990 o trabalhador do setor ficava em torno de quinze anos, enquanto que, a partir de 2000 reduziu para doze anos. Os fatores prováveis são: o aumento exaustivo da carga de trabalho com intuito de ganhar mais motivado pela perda salariais e sua substituição pelas máquinas.



Fig. 4 trabalhador cortando cana queimada com a ferramenta “facão”  
Foto: Jair Silveira Machado, 2011.

De acordo com Antunes e Alves (2004), a introdução do maquinário moderno, da maquinaria complexa, das novas máquinas informatizadas que se tornam inteligentes, ou seja, o surgimento de uma nova base técnica do sistema sociometabólico do capital, que propicia um novo salto da subsunção real do trabalho ao capital, exige, como pressuposto formal ineliminável, os princípios do toyotismo, no qual a captura da subjetividade operária é uma das precondições do próprio desenvolvimento da nova materialidade do capital, produzindo seres humanos parcelares, descontínuo e, acima de tudo, inteiramente subordinado ao capital. Ou seja, trabalhadores que, por medo de perder o emprego, defende não apenas a produtividade do capital, mas, até mesmo, a demissão dos seus companheiros. As novas tecnologias microeletrônicas na produção, capazes de promover um novo salto na produtividade do trabalho, exigiriam, como pressuposto formal, o novo envolvimento do trabalho vivo na produção capitalista.

Uma das mais importantes questões que devem ser resolvidas para melhorar a qualidade de vida dos cortadores de cana é a definição entre remuneração fixa ou pagamento por produção. No segundo caso, o salário é proporcional ao volume de cana cortada. Cada três mil e seicentos quilos cortados, remuneração de 18,83 (Dezoito Reais e Oitenta e Três centavos por 3.600 KG). Porém de 2005 para cá, foram notificadas três mortes de cortadores de cana, direta ou indiretamente

causadas pelo excesso de trabalho. O Ministério Público do Trabalho (MPT) acredita que só com a mudança no sistema de ganho, pode evitar outras mortes e pensa em proibir o pagamento por produção a partir de 2011. No entanto a medida enfrenta resistência tanto dos empregadores como dos empregados. (MPT-PE, 2011).

Segundo Thompson (1998), a imposição do pagamento por produção implica num maior controle sobre o tempo de trabalho do canavieiro e disciplina de seu corpo para uma atividade que se exige em função da mecanização uma maior produtividade. De acordo com Thompson, significa usar e gastar o tempo da força de trabalho e cuidar para que não seja desperdiçado.

Segundo Barros (2011), presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco (FETAPE), narrou que as condições trabalhistas ainda tem muito que melhorar no estado, mas aponta o desemprego como mal maior. Segundo ele este seria a principal causa para que os trabalhadores se submetessem ao trabalho degradante. Em sua gestão, está lutando pelo fim do pagamento por produção, no entanto encontrou barreiras por parte dos usineiros, e adiantou que não consta na pauta de negociações em andamento entre os sindicatos patronais e de trabalhadores. A única que se beneficia dessa situação, sinaliza apenas que o pagamento por produção já é uma pratica de muitos anos, não só no setor sucroalcooleiro, mas também em outras atividades agrícolas, industriais, comerciais e de serviços.

Um dos meios técnicos de que os empregadores modernos lançam mão para garantir o maior volume possível de trabalho de seus homens é o sistema de pagamento por tarefa. Na agricultura, por exemplo, a colheita é um caso em que se requer a maior intensidade possível de trabalho, e, dada a possível instabilidade do tempo, a diferença entre bons lucros e grandes perdas podem depender da velocidade da colheita. Assim, o sistema de pagamento por tarefa é quase universal nesse caso. E à medida que o interesse do empregador em acelerar a colheita aumenta com o crescimento dos resultados e da intensidade do trabalho, tem sido feita repetidamente a tentativa aumentando o valor da tarefa dos trabalhadores, dando-lhes assim a oportunidade de ganhar o que seria para eles altos salários em um curto espaço de tempo. (WEBER, 2005, p. 53).

A remuneração é um grande problema na relação entre os canavieiros e as usinas. De acordo com Novaes (2007), o pagamento por produção no corte de

cana-de-açúcar, além de levar o trabalhador, muitas vezes, à exaustão, na procura de maior remuneração, apresenta outro inconveniente que é a incerteza quanto ao valor unitário a receber pelo trabalho executado no dia. Outros ramos econômicos, agrícolas, industriais e de serviços, também fazem pagamento por produção, sendo estipulado, previamente, o pagamento unitário por peça ou unidade de serviço executada. No corte da cana o trabalhador tem controle direto sobre a quantidade de metros de cana cortada no dia, mas não sabe, antecipadamente, o valor unitário que irá receber por metro de cana cortada.

Os trabalhadores além de terem seus ganhos reduzidos, já que a cubagem da cana não é feita de forma correta pelos agentes de campo, também enfrentam outras dificuldades no campo de trabalho. Nos engenhos da cidade de Itambé -PE esses trabalhadores chegam a viajar cerca de cinco KM do galpão para trabalhar nas lavouras. Os canaviais são infestados de cobras e a folha da cana corta como navalha. Durante a pesquisa observatoria constatei que um trabalhador executa em torno de 17 flexões de tronco por minuto e aplica em torno de trinta e cinco a quarenta e cinco golpes de fiação, além de em muitas ocasiões não disporem de equipamentos para reduzir os agravos e sequelas. Isso prova a resistência desses sujeitos em busca pela sobrevivência da classe. Thompson (1998) define classe um: fenômeno histórico que unifica uma série de acontecimentos, tanto na matéria prima da experiência, como na consciência.

Segundo Szmerecsnyi, (2002), é inevitável não mencionar assuntos relacionados a agricultura e não falar sobre a mecanização, que se destaca como novo método no setor. Essa mecanização que surgiu há bastante tempo se consolida hoje no crescente mercado das grandes máquinas agrícolas. Toda a evolução das máquinas vem desde o arado puxado por cavalos até a criação de simples motosserra a máquinas computadorizadas por meio de processos digitais e eletrônicos.

Para o Ministério da Agricultura (2009), a preocupação ambiental levou o governo federal a estabelecer prazos para a erradicação da queima da cana, o que acabou acelerando o processo de mecanização, o uso e adoção de equipamentos em substituição aos cortadores são crescentes. De acordo com o Órgão governamental, esse processo de erradicação das queimadas foi instituído pelos:

Decreto Federal de 1998, e pelo Protocolo Agro Ambiental, firmado pela Secretaria de Meio Ambiente, Agricultura e Abastecimento e a União da Indústria da cana de Açúcar (UNICA) em 2007, sendo que as usinas que aderirem ao protocolo e cumprirem as metas estabelecidas serão beneficiados com o certificado Agro Ambiental, que facilitará a comercialização do etanol.

Há décadas o volume de entrada de migrantes em solo pernambucano tornou-se muito grande, porém de 2005 para cá o desemprego aumentou bastante em face da modernização tecnológica (automação de tarefas, robotização é informatização), com isso a percentagem da população ocupada no setor sucroalcooleiro tende a diminuir. Isso está levando a um sensível aumento nos níveis de desemprego, e os fagundenses passaram a serem vistos como concorrentes dos nativos. FETAPE, (2010).

Esses trabalhadores que executam diversas atividades na indústria canavieira, (setor de produção agrícola) que Menezes (2002), afirma que não se limita ao exercício da atividade de cortar cana, retira-la do chão, usando um instrumento de corte, facão ou podão, mas que envolve além dessas atividades um conjunto de outras, isto é, limpeza da cana, transporte é arrumação da cana, que não são remuneradas, estão enfrentando dificuldades porque passam a competir com as máquinas que gradativamente estão substituindo o homem. No contexto da reestruturação sucroalcooleira, a mecanização do corte de cana, tem sido justificada como uma medida de proteção ao meio ambiente e aos trabalhadores. O uso das colhedeiças mecanizadas, está certo que por um lado diminui as cargas laborais do tipo físico, químico e mecânico, por outro acentua a presença do tipo social e psíquico.

Os limites da força de trabalho humano não permitem que o trabalhador na agricultura canavieira acompanhe o ritmo intenso de funcionamento das moendas industriais durante a safra. No corte mecanizado, a grande modificação é a forma de organização de trabalho em turnos alterados, aprisionando os operadores em escala de serviços, utilizando o tempo de suas forças de trabalho, provocando o quase desgaste físico em relação ao trabalho manual. No capitalismo contemporâneo, configura-se uma realidade em que a humanidade nunca dispôs de tantos avanços

das forças produtivas, ao mesmo tempo em que as relações sociais de exclusão condenam a maioria ao desemprego e ao subemprego. (ANTUNES, 2004).

Essas máquinas operadas por trabalhadores qualificados estão deixando fora deste mercado de trabalho, definida pela legislação trabalhista como uma das piores formas de trabalhos, que compõe o cenário perigoso para a saúde dos trabalhadores que ficam expostos a fuligem, aos agrotóxicos, ao manuseio de ferramentas, a sobrecarga física, alimentação inadequada, ausência de condições de higiene, as extensas jornadas de trabalho e as relações de trabalho informais e desregulamentadas. (BARROS, 2010).

Junto disso é bom lembrar que, na sociedade moderna, pessoas partem em busca de novos lugares para viver ou trabalhar, com intuito de se estabilizar, seja por causas econômicas, políticas, sociais, religiosas. Ao mesmo tempo há movimentos associados a “errância”, ao nomadismo ou a incapacidade de estabelecer relações duradouras com os lugares e as formas de trabalho mais tradicionais, que as vezes são fortemente estigmatizadas. (ANTUNES, 2004).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A migração sazonal para o corte de cana no Estado de Pernambuco, tende a diminuir consideravelmente com o advento dessas máquinas, que literalmente está expulsando-os. Com o aumento do preço da gasolina, o álcool tornou-se a alternativa mais viável para os consumidores. O aumento na produção de carros flex quadruplicou segundo um levantamento da associação das montadoras de automóveis (Relatório da ANFAVEA ), Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores, em Dezembro de 2010), que passou a exigir dos usineiros uma maior área plantada, que só com as máquinas pode garantir a oferta da demanda. Uma colheitadeira executa trabalho de oitenta homens. ( BELINI, 2010).

Conforme aponta a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis, (ANP), em Dezembro de 2009 foram vendidos 1,432 bilhão de litros de álcool, em contraposição a 1,411 bilhão de litros de gasolina. O sucesso do uso de combustível é confirmado pelos números da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea, que revela que a frota de veículos bicombutíveis ultrapassou em cinco milhões de unidades. Esses dados refletem as

ações extrategicas do Governo Federal para consolidação de novas matrizes energeticas no País. ( – Caderno Infra estrutura – Dezembro de 2009, p. 32).

Antes a migração para o Sudeste especialmente (Rio de Janeiro e São Paulo), visto como alternativas de sobrevivência, agora torna-se também extremamente difícil, visto que trabalhos antes executados pelos próprios canavieiros como “porteiros, faxineiros e operários na construção civil”, estão exigindo qualificação que antes não era exigida. A longa tradição dessas migrações que com suor enriqueceram usineiros e contribuíram para o desenvolvimento local, estão passando por um processo de estagnação de posto de trabalho. O trabalho executados pelos boias frias na lavoura canavieira, acredito está com os dias contados, levando-se em conta os efeitos da mecanização da lavoura. A mecanização vem aumentando ano a ano, deixando desempregada boa parte da massa trabalhadora, principalmente aqueles com pouca qualificação.

A mecanização está atingindo principalmente trabalhadores com pouca ou nenhuma qualificação, que por pouco estudo não conseguiram ser absorvidos por outros postos de trabalho. Sebe-se que é necessário investimento muito mais amplo dos poderes públicos, quanto da sociedade, para tentar sanar o problema da exploração de trabalho, quanto da abertura de espaços trabalhistas e educacionais, onde jovens possam eleborar sua participação na sociedade como trabalhador garantindo um futuro diferente para esses novos canavieiros, bem como a assistencia e a reabilitação dos trabalhadores que estão perdendo os posto de trabalho. Essa inserção poderá ser até mesmo dentro dos próprios engenhos e usinas, como medida reparadora para aqueles que se dedicam e dedicaram enfrentando diariamente as limitações do próprio corpo. (MOTTA, 2011).

Ao mesmo tempo e de maneira geral é importante., que a massa trabalhadora, busque insenssantemente formas autónomas de trabalho, a exemplo de associações e cooperativas de produção, ou mesmo que unam-se somando força garantindo dessa forma seus interesses tanto nos engenhos como no campo, a partir de suas diferentes manifestações como forma de romper com os grilhões do assalariamento do sistema capitalista. (SANTOS, 2011).

Rassier (2005) ressalta que, garantir investimentos em tecnologias e inovação é importante para manter o País em condições de competir, economicamente no agressivo mercado global, assim como buscar mais qualidade de vida para a população. Porém se faz necessário que façam ajustes na formação em recursos

humanos qualificando-os e fazendo com que a inovação faça parte de suas agendas. Apesar das estimativas apontarem um forte crescimento do mercado de trabalho, ainda existem problemas a serem resolvidos, cabendo destaque para a necessidade de melhorar a qualificação profissional e social dos trabalhadores brasileiros, visto que além dos aspectos econômicos existe uma dimensão cidadã, de cumprimento de obrigações e direitos no contexto da legislação trabalhista.

Para o empregador moderno, o empregado transforma-se em um simples número: a relação humana desapareceu. A produção em larga escala, a organização de grandes massas de trabalho e complicados mecanismos para colossais rendimentos, acentou, aparentemente, e exacerbou a separação das classes produtoras tornando inevitável um sentimento de irresponsabilidade, da parte dos que dirigem, pelas vidas dos trabalhadores manuais. (HOLANDA, 2008. p. 142).

Para Carneiro, (1997), o ritmo das mudanças nas relações sociais e de trabalho no campo transforma as noções de "urbano" e "rural" em categorias simbólicas construídas a partir de representações sociais que, em algumas regiões, não correspondem mais a realidades distintas cultural e socialmente. Torna-se cada vez mais difícil delimitar fronteiras claras entre as cidades e os pequenos vilarejos ou arraiais a partir de uma classificação sustentada em atividades econômicas ou mesmo em hábitos culturais.

Esta definição não é útil apenas para as áreas mais desenvolvidas do país, ela pode revelar dimensões inéditas das relações cidade-campo e, sobretudo mostrar dinâmicas regionais em que as pequenas aglomerações urbanas dependem de seu entorno para estabelecer contatos com a economia, seja por meio da agricultura, ou por outras atividades. Apesar das inúmeras transformações sociais, econômicas, culturais e espaciais resultantes do desenvolvimento do urbano, o rural continua existindo, muito embora passando por transformações semelhantes ao urbano. (RASSIER, 2005).

Uma discussão pertinente sobre a ruralidade é realizada por Carneiro (1997), ressaltando a diversidade de situações encontradas no campo. O "campo" não está passando por um processo único de transformação em toda a sua extensão. Se as medidas modernizadoras sobre a agricultura foram moldadas no padrão de produção e de vida urbano-industrial, seus efeitos sobre a população local e a maneira como esta reage a tais injunções não são, de modo algum, uniformes, assim como tais medidas não atingem



com a mesma intensidade e proporções as diferentes categorias de produtores.

Como forma de resistirem às duras condições de trabalho impostas por determinadas usinas, ou buscando alternativas de sobrevivência, Menezes (2002) considera que:

A decisão de deixar a usina, seja formalmente, através da interrupção do contrato de trabalho informalmente, através do “abandono” do trabalho, articula-se, em geral, com possibilidade de trabalhar em outras usinas, em áreas urbanas distantes, ou de retornar a casa. Essas alternativas tornam-se disponíveis através de redes sociais formadas por parentescos ou relações de amizade, que constituem um espaço para compartilhar informações sobre empregos e experiência de trabalho entre paraibanos. (MENEZES, 2002, p. 196).

Alternativas na citação acima são exemplos de resistência dos trabalhadores migrantes nos canaviais de Itambé –PE, às duras condições impostas pelos empregadores como (insalubridade, falta de equipamento de trabalho, atraso no pagamento, alojamentos precários), como forma de fuga as condições impostas.

As narrativas orais são uma fonte rica de registros de práticas de relações de condições de vida e sobrevivência. Um dos entrevistados (informação verbal – João Ananias da Silva, (2011) (informação verbal)<sup>11</sup> narrou que – diante das condições de trabalho impostas no Engenho Retirada II, decidiu chamar um amigo que sempre trabalharam imanados e disse: “Vamos embora meu camarada, seu Dada (Proprietário de terra em Fagundes), vai desmatar mais de 15 Hectares de terras para plantar Carrapateira e Sorgo, a gente tem a garantia de estar todo dia em casa. Não estamos sendo bem pago, vamos embora”.

A expansão do sistema mecanizado do corte de cana e o estabelecimento de decretos ecológicos para o fim da queima da cana, concluir que em breve 100% da colheita serão mecanizadas excluindo esses trabalhadores dessa atividade sazonal, que através deste trabalho árduo, complementam a renda familiar desses pequenos produtores que cultivam terras próprias ou arrendadas.

A mecanização do campo, que é excludente e expulsora de mão-de-obra, e a modalidade de políticas públicas implantadas pelos governos federal, estaduais e donos de usinas. *Vários depoimentos dos entrevistados constataram que o corte de cana é uma atividade assalariada semi-escrava, que suga a saúde do trabalhador em 5 ou 6 anos, gerando problemas de coluna, depressão em quem vai e em quem*

---

<sup>11</sup> Entrevista fornecida por João S. Ananias, cortador de cana durante as visitas aos engenhos Retirada II, e Dois Rios, que me aproximou dos seus companheiros possibilitando as entrevistas.

*fica; desagrega a família com a migração dos filhos homens e dos pais. A partir de 2.013, as Usinas de cana de açúcar de São Paulo não aceitarão mais mão-de-obra assalariada no corte de cana que estará totalmente mecanizado.*

Assim, tanto os cercamentos como o desenvolvimento agrícola se preocupavam, em certo sentido, com a administração eficiente do tempo da força de trabalho. Os cercamentos arrojavam a vida daqueles que tinham um emprego regular. Eles se viam diante da seguinte alternativa: emprego parcial e assistência aos pobres, ou submissão a uma disciplina de trabalho mais exigente. Não é uma questão de técnicas novas, mas de uma percepção mais aguçada dos empregadores capitalistas empreendedores quanto ao uso parcimonioso do tempo. (THOMPSON, 2008, p. 286).

Lutar para que o programa governamental de investimentos em infraestrutura econômica e social priorize os investimentos de interesse dos trabalhadores e trabalhadoras rurais e de suas comunidades. Julgamos que é necessário o debate sobre os impactos no trabalho e na vida desses trabalhadores e trabalhadoras assalariados rurais no processo de reestruturação produtiva, em especial, a mecanização no campo, demanda criar alternativas de proteção social para esses trabalhadores e trabalhadoras rurais, porém não há previsão de ações e políticas públicas voltadas para os trabalhadores que perderão o emprego em virtude desse processo. Programas de proteção individual, limites ao trabalho por produção, elevação dos salários, fornecimento de alimentação nos locais de trabalho, qualificação e requalificação profissional e reinserção a partir de políticas públicas específicas deverão ser priorizadas onde os organismos públicos, empregadores e trabalhadores tenham seus papéis definidos.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de Historia oral**. Rio de Janeiro. Editora Fundação Getúlio Vargas. 2004.

\_\_\_\_\_. **Tratamento das entrevistas de historia oral** In: CPDOC. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. 11f.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho**. Ensaios sobre a metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho. 7 ed. São Paulo: Cortez, Campinas: Editora Universidade Estadual de Campinas, 2000.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.

ANTUNES, Ricardo. ALVES, Giovanni. **As mutações no Mundo do Trabalho na era da Mundialização do Capital**. (Revista Educação e Sociedade); Campinas: Vol. 25, nº 87, p. 335-359 Maio / Agosto, 2004. Disponível em HTTP:// WWW.cedes.Unicamp.br. Educação e Sociedade.

ALVES, F. **A mecanização do corte de cana e o movimento dos trabalhadores assalariados volantes na região de Ribeirão Preto**: algumas reflexões. In: Cadernos de Engenharia de Produção DEP/UFSCar, ano V, nº 12. São Carlos, 2002, p. 18-48.

ARAÚJO, Jane. **Aprovada MP que simplifica contratação de boia fria**: Contag aplaude a medida, mas OAB faz crítica. In: Jornal do Senado., Brasília, 2 a 8 de Jun. 2008. Folha Decisão, Caderno Trabalho, p. 3. Ano XIV – Nº 2815/175 .

AZEVEDO, José Roberto Nunes de . JUNIOR, Antônio Thomaz. **O cenário das migrações na atividade canavieira Sul-Mato-Grossense**. In: Revista Pegada, São Paulo- Vol.9, nº2. Dez. 2008.

BARRAKO 27. Imigrantes. CD Resistencia PRT. Porto/Portugal. 2007. Faixa 8.

BARROS, Doriel Saturnino de. **Trabalhadores x Sindicatos Patronais**. In: Diário de Pernambuco, Pernambuco, 30 Jan. 2011. Folha Economia, Caderno 8, p. 13.

BAUMAN, Zigmunt. **A Sociedade líquida**: – Burke. In: Folha de São Paulo, São Paulo, domingo, 19 Out. 2003.

BELINI, Cledorvino. **Anuário Estatístico**. São Paulo. Dez 2010. Disponível em: <<http://www.anfavea.com.br/carta.html>> Acesso em 20/01/2011.

BRASIL. Constituição (1988). Dos Direitos Sociais – Art. 7º. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições técnicas, 1999. 360p.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE - Brasília, 2010. Disponível em: <

[Http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme\\_nova/default.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/default.shtm) > Acesso em: 30/03/2011.

BURKE, Peter. (ORG). A escrita da História: Novas perspectivas / Peter Burke (Org.); tradução de Magda Lopes. **A História Vista de Baixo (SHARPE, Jim)** – São Paulo: Editora da Unesp 1992. P. 40-62.

CAMELO, Mercês Morais. **Democracia**. In: Correio da Paraíba, Paraíba, 18 Jan. 2011. Folha Política, Caderno A, p.6.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. In: **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, p. 53-75, Ago.1997.

FARIAS, Francisco Ramos de. **Trabalho e Auto Estima**. Trabalho, Brasília, Mai/Jun/Jul. 2008. Nº 01, Folha Política de Emprego, Caderno Entrevista, p. 19. Ministério do Trabalho e Emprego. Parque Gráfico do MTE.

FERLINI, Vera Lucia Amaral. **A civilização do açúcar (Século XVI a XVIII)**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1998.

FIOD, E.G.M. **Mudanças nas formas de aprendizagem do trabalhador**. In: B.W AUED, Traços do trabalho coletivo. São Paulo, casa do psicólogo, 2005, p. 237-274.

FORTES, Alexandre. SILVA DA, Amanda Moreira. **Revisitando um clássico da história social: A estrutura narrativa de A Formação da Classe Operária Inglesa**. In: Revista Universidade Rural: Serie Ciências Humanas, Seropedica, R.J: EDUR, v.29 n2, p. 01-24, Jul-Dez, 2007.

GARCIA, Ricardo Alexandrino / MATOS, Ralfo. **Evolução da inserção socioespacial das famílias brasileiras e os movimentos migratórios microrregionais de curto prazo**. Belo Horizonte/MG, Ago. 2009. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/6EncNacSobreMigracoes/ST1/AlexandrinoMatos.pdf>> Acesso em: 30/04/2011.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. **A identidade em Questão**. – 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.P. 7-22.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras: São Paulo, 1994.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. – 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MAENO, Maria. **Lesões por esforços repetitivos-LER**. Caderno de Saúde do Trabalhador, do Instituto Nacional de Saúde do Trabalhador, São Paulo, n.º 8, Ed. Kingraf, Fevereiro 2007. P. 5-25.

MARTINS, José de Souza. **A imigração e a crise do Brasil Agrário**. São Paulo: Pioneira, 1973.

MENEZES, Marilda Aparecida. Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes – Rio de Janeiro, Relume Dumará: Joao Pessoa, PB: EDUFPB, 2002.

MESZÁROS, I. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo: Campinas/SP: Unicamp, 2002.

MOTTA, Daniel. **Migração prejudica produção sertaneja**. Correio da Paraíba, Paraíba, 15 Mai. 2001. Folha Economia, Caderno E, p. 5.

NOVAES, José Roberto Pereira. **Campeões de produtividade: dores e febres nos canaviais paulistanos**. In: Estudos Avançados. Vol.21,nº 59, São Paulo. Jan. 2007. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142007000100013&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142007000100013&script=sci_arttext)> Acesso em 20/02/2011.

PARAÍBA (Estado). Instrução Normativa, de 13 de Dezembro de 2010. Tribunal de Contas do Estado. Disponível em: < [http://sagres.tce.pb.gov.br/pesoal02.phd?cd\\_ugestora=201079&dt\\_mes=08&de\\_mes=Agosto&dt\\_ano=2010](http://sagres.tce.pb.gov.br/pesoal02.phd?cd_ugestora=201079&dt_mes=08&de_mes=Agosto&dt_ano=2010) . > Aceso em: 20/02/2011.

PERNAMBUCO (Estado). Ato Normativo, de 01 de Março de 2011. Fetape. Disponível em: < [http://http://www.fetape.org.br/documentos/salario\\_canavieiros/TabelaCana%20%20Reajuste%20MARÇO%202011.pdf](http://http://www.fetape.org.br/documentos/salario_canavieiros/TabelaCana%20%20Reajuste%20MARÇO%202011.pdf)> Acesso em: 16/05/2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Historia e Historia Cultural. Capitulo VII – **Os Novos Parceiros da Historia**: Nas Fronteiras do Conhecimento. 2.ed.2. Reimpressão. Belo Horizonte: Autentica 2008. P.107-114.

RASSIER, José Carlos. **Exemplos planejados**. Confea, Ano IV – nº 23- Brasília, Jul/Ago/Set. 2005. Folha Planejamento, Caderno Entrevista, p. 27.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. Cap. II – **O espírito do capitalismo**. Tradução: Pietro Nasseti. Ed. Martin Claret, 2005. P. 53.

SANTOS, Boaventura de Sousa. - **Para uma revolução democrática da justiça**. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

SANTOS, Paulo Roberto Rodrigues. **Salario unificado dos canavieiros de Pernambuco**. Convenção Coletiva, Informativo Trimestral Fetape, nº 01. Mar.2011. caderno: politica salarial, p.3.

SERRÃO, Daniel. **A ética numa sociedade plural**. Porto, 25 Out. 2002. Disponível em: <http://www.danielserrao.com/gca/index.php?id=99> Acesso em: 20/10/2010.

SILVA, M. A. de M. **A morte ronda os canaviais paulistas**. Revista Reforma Agraria, São Paulo. Nº 02, 2006- p. 111-141.

SZMRECSÁNYI, Tamás József Károly. (1996) *História Econômica do Período Colonial*. São Paulo: Hucitec/Fapesp/ABPHE .

THOMAZ JR, Antônio. **Qualificação do trabalho**: adestramento ou liberdade? In: Revista PEGADA, vol. 1, n.º 1, setembro, 2000.

\_\_\_\_\_. Não há nada de novo sob o sol num mundo de heróis. (**A Civilização da Barbárie na Agroindústria Canavieira**). Presidente Prudente, Pegada, V.8, nº 2, 2007b. Disponível em:  
<http://www4.fct.unesp.br/ceget/IXJornada/MARIA%20JOSELI%20BARRETO.pdf>  
Acesso em 30/01/2011.

TORRES, Rodolfo de Almeida. Manejo e colheita mecanizada. Brasília, 2008. Disponível em:  
[http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Agencia8/AG01/arvore/AG01\\_4\\_217200392356.html](http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Agencia8/AG01/arvore/AG01_4_217200392356.html)> Acesso em 25/01/2011.

VENDRAMINI, Célia Regina. **A contribuição de E.P. Thompson para a apreensão dos saberes produzidos do/no trabalho**. Educação Unisinos, V. 10, Numero 2, Mai/Ago 2006. p. 123-129.

**APENDICE (S)**

APENDICE A - Lista de entrevistados

APENDICE B - Questões da entrevista aos cortadores de cana

APENDICE C – Questões da entrevista aos agenciadores

APENDICE D- Termo de Consentimento livre Esclarecido



## LISTA DE ENTREVISTADOS

- 1- BERTO DO NASCIMENTO SILVA – AGENCIADOR
- 2- PAULINO DE SOUZA FASUTINO - CORTADOR DE CANA
- 3- JOSÉ RAMOS DE LIMA – CORTADOR DE CANA
- 4- ANTONIO FRANCISCO PEREIRA NETO – CORTADOR DE CANA
- 5- JOSINALDO ARAUJO DOS SANTOS - CORTADOR DE CANA
- 6- JOSEILTON JUVENAL DA SILVA – CORTADOR DE CANA
- 7- LUCIANO DE MELO SILVA – CORTADOR DE CANA
- 8- JOAO ANANIAS DA SILVA – CORTADOR DE CANA
- 9- PAULO ADALBERTO DE FARIAS – CORTADOR DE CANA
- 10-ANTONIO JUSTINO DE ANDRADE – CORTADOR DE CANA
- 11-JOSE NILSON PEREIRA DA COSTA - CORTADOR DE CANA
- 12-AILTON DE SOUZA BRAZ – AGENCIADOR

## PERGUNTAS AOS CORTADORES DE CANA !

### Identificação

- ✓ Nome: \_\_\_\_\_
- ✓ Idade: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_
- ✓ Profissao: \_\_\_\_\_
- ✓ Endereço: \_\_\_\_\_
- ✓ Etnia:

(    ) Branco (    ) Negro (    ) Indígena (    ) Pardo (    ) Outro Qual?

- \_\_\_\_\_
- 1- Para Você, o que significa ser migrante?
  - 2- Que os motivos que te levaram a migrar?
  - 3- Como é sua Condição de vida e trabalho em Fagundes?
  - 4- Qual o motivo de você ir para Itambé – PE?
  - 5- Como você ver o mundo do trabalho no campo Hoje?
  - 6- Como você ver as condições de trabalho no campo e na cidade em Fagundes?
  - 7- Fale do seu trabalho a usina ou nos engenhos?
  - 8- Qual é o seu lazer nas horas de folga?
  - 9- Seus proventos são suficientes para manter condições de vida?
  - 10-Fale sobre o cotidiano do trabalhador nas usinas e ou engenhos.
  - 11-Quais as dificuldades que você sente no trabalho dentro da usina e ou engenho?
  - 12-Como você ver as condições do trabalhador no corte de cana hoje?

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CURSO DE HISTÓRIA  
NOS TERRITÓRIOS DOS MIGRANTES, EXPERIÊNCIAS NO MUNDO TRABALHO:  
MIGRAÇÕES DE FANGUNDES-PB À ITAMBÉ-PE (2000-2010)

**ENTREVISTA AOS AGENCIADORES !**

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Nome: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_ COLARIDADE \_\_\_\_\_

ETNIA: NEGRO ( ) BRANCO ( ) INDIGENA ( ) PARDA ( )

OUTRO, QUAL? \_\_\_\_\_

PROFISSÃO: \_\_\_\_\_

RESIDÊNCIA (CIDADE) \_\_\_\_\_

1. Há quanto tempo você trabalha com migrantes no corte da cana-de-açúcar?
2. Que tipo de atividade você desenvolvia antes de começar o recrutamento de trabalhadores para as usinas?
3. Como começou o seu trabalho com os migrantes nas usinas de Itambé?
4. Quais são as dificuldades que você sente para recrutar estes trabalhadores?
5. Como você percebe as condições destes trabalhadores na cidade onde moram e no trabalho do canavial?
6. Como se dá a relação entre você, a usina e o trabalhador recrutado?
7. Você acredita que a introdução de máquinas no canavial pode propiciar mudanças no trabalho dos migrantes e nas formas de recrutamento? Fale a respeito.

**TERMO DE CONSENTIMENTO  
LIVRE E ESCLARECIDO  
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu,

---

pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

A pesquisa: **NOS TERRITÓRIOS DOS MIGRANTES, EXPERIÊNCIAS NO MUNDO TRABALHO: MIGRAÇÕES DE FANGUNDES-PB À ITAMBÉ-PE (2005-2010)**.Terá como objetivo investigar: ENTENDER AS CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO DE MIGRANTES FAGUNDENSES, NAS USINAS DE CANA DE AÇÚCAR DE ITAMBÉ – PE.

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).-O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).

- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial. - Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número (083) 8729-9355 (83) 9966-0930 **ENDEREÇO RUA JOQUINHA MUNIZ Nº 15 CENTRO DE FAGUNDES -PB- CEP 58487-000** - Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido. Campina Grande, \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/2011

Assinatura do Pesquisador

---

Assinatura do (a) participante:

**ANEXO**

ANEXO A – Representação documental (tabela) do novo salario minimo dos boias frias que trabalham em Pernambuco vigorando a partir de 01/03/2011 proposto pela diretoria de politica salarial da FETAPE.

**FETAPE**

Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco  
Rua Gervásio Pires, 876 - Boa Vista - Recife - PE  
Tel: (81) 3421-1222 Fax: (81) 3221.6304  
fetape@fetape.org.br

**SALÁRIO UNIFICADO DOS CANAVIEIROS DE PERNAMBUCO  
A PARTIR DO DIA 01 DE MARÇO DE 2011.  
CONSIDERANDO A SEGUINTE EVOLUÇÃO:**

- Valor do salário na data base em outubro de 2009 = R\$495,00.
- Valor do salário por ocasião do reajuste do salário mínimo em 01 de janeiro de 2010 = R\$520,00.
- Valor na data base em outubro de 2010 = 547,00.
- Novo valor com base no reajuste do salário mínimo vigorando a partir 01/03/2011 = R\$557,00, que representa 12,57% sobre o salário de Outubro/2009.

**SALÁRIO UNIFICADO: R\$ 557,00 (Quinhentos e cinquenta e sete reais)**

|                        |            |
|------------------------|------------|
| SALARIO MENSAL         | R\$ 557,00 |
| SALÁRIO SEMANAL        | R\$ 129,97 |
| SALÁRIO QUINZENAL      | R\$ 278,50 |
| DIÁRIA                 | R\$ 18,57  |
| HORA NORMAL            | R\$2,53    |
| HORA EXTRA             | R\$ 4,05   |
| FRAÇÃO DO 13º (MÊS)    | R\$ 46,42  |
| FRAÇÃO DE FÉRIAS + 1/3 | R\$ 61,89  |

**CANA POR TONELADA**

| <b>1- CANA QUEIMADA</b> | <b>TONELADA AMARRADA</b> | <b>VALOR</b> | <b>SOTA</b>   |
|-------------------------|--------------------------|--------------|---|
| Menos de 5 kilos        |                          |              | A combinar, ou não havendo entendimento, pela diária R\$ 18,40. |
| De 5 a 8 kilos          | 1.250                    | R\$ 18,57    | R\$ 9,29  |
| Acima de 8 kilos        | 1.500                    | R\$ 18,57    | R\$ 9,29  |
| <b>2 – CANA CRUA</b>    | <b>TONELADA AMARRADA</b> | <b>VALOR</b> | <b>SOTA</b>   |
| Menos de 5 kilos        |                          |              | A combinar, ou não havendo entendimento, pela diária R\$ 18,40. |
| De 5 a 8kilos           | 1.050                    | R\$ 18,57    | 9,29  |
| Acima de 8 kilos        | 1.250                    | R\$ 18,57    | 9,29  |

### **PARA SABER O PESO DA CANA: CORTAR 2 (DUAS) MEDIDAS EM COMPASSO.**

Obs. O desconto da Contribuição Social Sindical do trabalhador (a) deve ser nivelado em 5% conforme define a Cláusula 73ª da Convenção Coletiva dos Trabalhadores(as) Canavieiros(as).

#### **CANA QUEIMADA SOLTA POR COMPASSO DE 5 CARREIRAS**

| <b>TONELADAS p/ hectare</b> | <b>Media do peso do compasso</b> | <b>Quantidade de compasso de 5 carreiras pelo salário</b> | <b>Preço do compasso se 5 carreiras em R\$</b> |
|-----------------------------|----------------------------------|---|--|
| 40 Ton/hectare              | 11 quilos                        | 53  | 0,3504   |
| 50 Ton/hectare              | 14 quilos                        | 43  | 0,4319   |
| 60 Ton/hectare              | 17 quilos                        | 35  | 0,5306   |
| 70 Ton/hectare              | 20 quilos                        | 30  | 0,6190   |
| 80 Ton/hectare              | 23 quilos                        | 26  | 0,7142   |
| 90 Ton/hectare              | 26 quilos                        | 24  | 0,7738   |
| 100 Ton/hectare             | 29 quilos                        | 21  | 0,8843   |
| 110 Ton/hectare             | 31 quilos                        | 19  | 0,9774   |
| 120 Ton/hectare             | 34 quilos                        | 17,5  | 1,0611   |

#### **ORIENTAÇÕES PARA FAZER VALER A TABELA**

1. Dentro do eito de 5 carreiras, o trabalhador corta o compasso dele, depois o do cabo e faz a média para saber quantos compassos de 5 carreiras ele tem que cortar pelo salário, isto para a cana crua e queimada, solta ou amarrada.

2. Não peguem no serviço sem tirar à média. Se não tiver balança, corte pela quantidade menor de compasso ou de cubo estamos garantidos pela lei para seguir estas orientações.

**Lembre-se: para tirar a média, o compasso do trabalhador e o compasso do cabo têm que ser escolhidos no mesmo eito de 5 carreiras onde o trabalhador vai pegar.**

#### **CANA QUEIMADA SOLTA POR CUBO**

| <b>TONELADAS p/ hectare</b> | <b>Media do peso do cubo</b> | <b>Quantidade de cubos pelo salário</b> | <b>Preço do cubo em R\$</b> |
|-----------------------------|------------------------------|---|-----------------------------|
| 40 Ton/hectare              | 19                           | 156                                     | 0,1190                      |
| 50 Ton/hectare              | 24                           | 125                                     | 0,1486                      |
| 60 Ton/hectare              | 29                           | 105                                     | 0,1769                      |
| 70 Ton/hectare              | 34                           | 90                                      | 0,2063                      |
| 80 Ton/hectare              | 38                           | 79                                      | 0,2351                      |
| 90 Ton/hectare              | 43                           | 70                                      | 0,2653                      |
| 100 Ton/hectare             | 48                           | 63                                      | 0,2948                      |
| 110 Ton/hectare             | 53                           | 58                                      | 0,3202                      |
| 120 Ton/hectare             | 58                           | 53                                      | 0,3504                      |

Para o cubo se procede da mesma maneira que o Compasso, o trabalhador corta dentro do eito o seu cubo e o do cabo, e faz a média para saber quantos cubos têm que cortar pelo salário, isso, tanto a cana crua, queimada, solta ou amarrada.

**Observação:** Conforme negociação na Convenção Coletiva / 2009, o Compasso está implantado imediatamente em todas as atividades de medição no campo. Para que esta tabela seja respeitada, os (as) trabalhadores (as) precisam de coragem, união e organização nos engenhos e sindicatos que lhes defendam.

**Recife, 01 março de 2011**  
**Diretoria de Política Salarial –FETAPE.**  
**Diretor: Paulo Roberto Rodrigues Santos**

**TERMO DE CONSENTIMENTO  
LIVRE E ESCLARECIDO  
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, BERTO DO NASCIMENTO SILVA, R.G 21.648.844-5 IFP-RJ em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

A pesquisa: **NOS TERRITÓRIOS DOS MIGRANTES, EXPERIÊNCIAS NO MUNDO TRABALHO: MIGRAÇÕES DE FAGUNDES-PB À ITAMBÉ-PE (2005-2010)**. Terá como objetivo investigar: ENTENDER AS CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO DE MIGRANTES FAGUNDENSES, NAS USINÁS DE CANA DE AÇÚCAR DE ITAMBÉ – PE.

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).-O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).

- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial. - Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número (083) 8729-9355 (83) 9966-0930 **ENDEREÇO RUA JOQUINHA MUNIZ Nº 15 CENTRO DE FAGUNDES -PB- CEP 58487-000** - Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido. Campina Grande, 13 / 03 /2011

Assinatura do Pesquisador

Helder Melquisedec da Silva Gomes

Assinatura do (a) participante:

Berto do Nascimento Silva



**TERMO DE CONSENTIMENTO  
LIVRE E ESCLARECIDO  
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, AILTON DE SOUZA BRAZ, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

A pesquisa: **NOS TERRITÓRIOS DOS MIGRANTES, EXPERIÊNCIAS NO MUNDO TRABALHO: MIGRAÇÕES DE FANGUNDES-PB À ITAMBÉ-PE (2005-2010)**. Terá como objetivo investigar: **ENTENDER AS CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO DE MIGRANTES FAGUNDENSES, NAS USINAS DE CANA DE AÇÚCAR DE ITAMBÉ – PE.**

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a). -O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).

- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial. - Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número (083) 8729-9355 (83) 9966-0930 **ENDEREÇO RUA JOQUINHA MUNIZ Nº 15 CENTRO DE FAGUNDES -PB- CEP 58487-000** - Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido. Campina Grande, 20/03/2011

Assinatura do Pesquisador

Helder Melquisek da Silva Gomes

Assinatura do (a) participante:

Ailton de Souza Braz

**TERMO DE CONSENTIMENTO  
LIVRE E ESCLARECIDO  
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, PAULINO DE SOUZA FAUSTINO, R.G 2439419- SSP/PB em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

A pesquisa: **NOS TERRITÓRIOS DOS MIGRANTES, EXPERIÊNCIAS NO MUNDO TRABALHO: MIGRAÇÕES DE FANGUNDES-PB À ITAMBÉ-PE (2005-2010)**. Terá como objetivo investigar: ENTENDER AS CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO DE MIGRANTES FAGUNDENSES, NAS USINAS DE CANA DE AÇÚCAR DE ITAMBÉ – PE.

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).-O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).

- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial. - Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número (083) 8729-9355 (83) 9966-0930 **ENDEREÇO RUA JOQUINHA MUNIZ Nº 15 CENTRO DE FAGUNDES -PB- CEP 58487-000** - Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido. Campina Grande, 26/03 /2011

Assinatura do Pesquisador

Helder Malbuquerque da Silva Gomes

Assinatura do (a) participante:

Paulino de Souza Faustino

**TERMO DE CONSENTIMENTO  
LIVRE E ESCLARECIDO  
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, JOSÉ RAMOS DE LIMA, R.G 1058522 SSP/PB em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

A pesquisa: **NOS TERRITÓRIOS DOS MIGRANTES, EXPERIÊNCIAS NO MUNDO TRABALHO: MIGRAÇÕES DE FAGUNDES-PB À ITAMBÉ-PE (2005-2010)**. Terá como objetivo investigar: **ENTENDER AS CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO DE MIGRANTES FAGUNDENSES, NAS USINAS DE CANA DE AÇÚCAR DE ITAMBÉ – PE.**

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).-O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).

- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial. - Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número (083) 8729-9355 (83) 9966-0930 **ENDEREÇO RUA JOQUINHA MUNIZ Nº 15 CENTRO DE FAGUNDES -PB- CEP 58487-000** - Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido. Campina Grande, 01/04/2011

Assinatura do Pesquisador

Helder Meloqueiro da Silva Gomes

Assinatura do (a) participante:

Jose Ramos de Lima

**TERMO DE CONSENTIMENTO  
LIVRE E ESCLARECIDO  
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, ANTONIO FRANCISCO PEREIRA NETO, R.G 2440104 SSP/PB em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

A pesquisa: **NOS TERRITÓRIOS DOS MIGRANTES, EXPERIÊNCIAS NO MUNDO TRABALHO: MIGRAÇÕES DE FANGUNDES-PB À ITAMBÉ-PE (2005-2010)**. Terá como objetivo investigar: **ENTENDER AS CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO DE MIGRANTES FAGUNDENSES, NAS USINAS DE CANA DE AÇÚCAR DE ITAMBÉ – PE.**

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a). -O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).

- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial. - Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número (083) 8729-9355 (83) 9966-0930 **ENDEREÇO RUA JOQUINHA MUNIZ Nº 15 CENTRO DE FAGUNDES -PB- CEP 58487-000** - Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido. Campina Grande, 10 / 04 / 2011

Assinatura do Pesquisador

Helder Melquisedec da Silva Gomes

Assinatura do (a) participante:

\_\_\_\_\_

**TERMO DE CONSENTIMENTO  
LIVRE E ESCLARECIDO  
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, JOSINALDO ARAUJO DOS SANTOS, R.G 2440713 SSP/PB em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

A pesquisa: **NOS TERRITÓRIOS DOS MIGRANTES, EXPERIÊNCIAS NO MUNDO TRABALHO: MIGRAÇÕES DE FAGUNDES-PB À ITAMBÉ-PE (2005-2010)**. Terá como objetivo investigar: **ENTENDER AS CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO DE MIGRANTES FAGUNDENSES, NAS USINAS DE CANA DE AÇÚCAR DE ITAMBÉ – PE.**

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).-O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).

- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial. - Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número (083) 8729-9355 (83) 9966-0930 **ENDEREÇO RUA JOQUINHA MUNIZ Nº 15 CENTRO DE FAGUNDES -PB- CEP 58487-000** - Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido. Campina Grande, 16/04 /2011

Assinatura do Pesquisador

Helder Melquimedes da Silva Gomes

Assinatura do (a) participante:

Josinaldo Araujo dos Santos

**TERMO DE CONSENTIMENTO  
LIVRE E ESCLARECIDO  
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, LUCIANO DE MELO SILVA, R.G 12838536 SSP/BA em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

A pesquisa: **NOS TERRITÓRIOS DOS MIGRANTES, EXPERIÊNCIAS NO MUNDO TRABALHO: MIGRAÇÕES DE FANGUNDES-PB À ITAMBÉ-PE (2005-2010)**. Terá como objetivo investigar: **ENTENDER AS CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO DE MIGRANTES FAGUNDENSES, NAS USINAS DE CANA DE AÇÚCAR DE ITAMBÉ – PE.**

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).-O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).

- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial. - Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número (083) 8729-9355 (83) 9966-0930 **ENDEREÇO RUA JOQUINHA MUNIZ Nº 15 CENTRO DE FAGUNDES -PB- CEP 58487-000** - Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido. Campina Grande, 01/05/2011

Assinatura do Pesquisador

Helder Melquisedec da Silva Gomes

Assinatura do (a) participante:

Luciano de Melo Silva

**TERMO DE CONSENTIMENTO  
LIVRE E ESCLARECIDO  
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, JOSEILTON JUVENAL DA SILVA, R.G 2966797 SSP/PB em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

A pesquisa: **NOS TERRITÓRIOS DOS MIGRANTES, EXPERIÊNCIAS NO MUNDO TRABALHO: MIGRAÇÕES DE FAGUNDES-PB À ITAMBÉ-PE (2005-2010)**. Terá como objetivo investigar: **ENTENDER AS CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO DE MIGRANTES FAGUNDENSES, NAS USINAS DE CANA DE AÇÚCAR DE ITAMBÉ – PE.**

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).-O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).

- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial. - Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número (083) 8729-9355 (83) 9966-0930 **ENDEREÇO RUA JOQUINHA MUNIZ Nº 15 CENTRO DE FAGUNDES -PB- CEP 58487-000** - Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido. Campina Grande, 01/05/2011

Assinatura do Pesquisador

Helder Melquindee da Silva Gomes

Assinatura do (a) participante:

Joseilton Juvenal da Silva

**TERMO DE CONSENTIMENTO  
LIVRE E ESCLARECIDO  
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, JOÃO ANANIAS DA SILVA, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

A pesquisa: **NOS TERRITÓRIOS DOS MIGRANTES, EXPERIÊNCIAS NO MUNDO TRABALHO: MIGRAÇÕES DE FAGUNDES-PB À ITAMBÉ-PE (2005-2010)**. Terá como objetivo investigar: **ENTENDER AS CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO DE MIGRANTES FAGUNDENSES, NAS USINAS DE CANA DE AÇÚCAR DE ITAMBÉ – PE.**

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).-O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).

- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial. - Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número (083) 8729-9355 (83) 9966-0930 **ENDEREÇO RUA JOQUINHA MUNIZ Nº 15 CENTRO DE FAGUNDES -PB- CEP 58487-000** - Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido. Campina Grande, 02/05/2011

Assinatura do Pesquisador

Helder Melquindez da Silva Gomes

Assinatura do (a) participante:

João Ananias da Silva



**TERMO DE CONSENTIMENTO  
LIVRE E ESCLARECIDO  
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, PAULO ADALBERTO DE FARIAS, R.G 214.725 SSP/PB em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

A pesquisa: **NOS TERRITÓRIOS DOS MIGRANTES, EXPERIÊNCIAS NO MUNDO TRABALHO: MIGRAÇÕES DE FAGUNDES-PB À ITAMBÉ-PE (2005-2010).** Terá como objetivo investigar: **ENTENDER AS CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO DE MIGRANTES FAGUNDENSES, NAS USINAS DE CANA DE AÇÚCAR DE ITAMBÉ – PE.**

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a).-O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).

- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial. - Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número (083) 8729-9355 (83) 9966-0930 **ENDEREÇO RUA JOQUINHA MUNIZ Nº 15 CENTRO DE FAGUNDES -PB- CEP 58487-000** - Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido. Campina Grande, 06/05 /2011

Assinatura do Pesquisador

Helder Melquisedec da Silva Gomes

Assinatura do (a) participante:

Paulo Adalberto de Farias

**TERMO DE CONSENTIMENTO  
LIVRE E ESCLARECIDO  
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, ANTONIO JUSTINO DE ANDRADE, R.G 547.698 SSP/PE pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

A pesquisa: **NOS TERRITÓRIOS DOS MIGRANTES, EXPERIÊNCIAS NO MUNDO TRABALHO: MIGRAÇÕES DE FAGUNDES-PB À ITAMBÉ-PE (2005-2010)**. Terá como objetivo investigar: **ENTENDER AS CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO DE MIGRANTES FAGUNDENSES, NAS USINAS DE CANA DE AÇÚCAR DE ITAMBÉ – PE.**

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a). -O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).

- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial. - Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

-Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número (083) 8729-9355 (83) 9966-0930 **ENDEREÇO RUA JOQUINHA MUNIZ Nº 15 CENTRO DE FAGUNDES -PB- CEP 58487-000** - Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

-Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido. Campina Grande, 06/05 /2011

Assinatura do Pesquisador

Helder Melquindez da Silva Gomes

Assinatura do (a) participante:

Antonio Justino de Andrade

**TERMO DE CONSENTIMENTO  
LIVRE E ESCLARECIDO  
TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, JOSÉ NILSON PEREIRA DA COSTA, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa. Declaro ser esclarecido (a) estar de acordo com os seguintes pontos:

A pesquisa: **NOS TERRITÓRIOS DOS MIGRANTES, EXPERIÊNCIAS NO MUNDO TRABALHO: MIGRAÇÕES DE FAGUNDES-PB À ITAMBÉ-PE (2005-2010)**. Terá como objetivo investigar: **ENTENDER AS CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO DE MIGRANTES FAGUNDENSES, NAS USINAS DE CANA DE AÇÚCAR DE ITAMBÉ – PE.**

- Ao (a) voluntário (a) só caberá a autorização para participar da pesquisa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao (a) mesmo (a). - O (a) voluntário (a) poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o (a) mesmo (a).

- Será garantido sigilo dos resultados obtidos nesta pesquisa, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial. - Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa científica e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros a (ao) voluntário (a) e, portanto, não haverá necessidade de indenização por parte da pesquisa e/ou instituição responsável.

- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento, o (a) participante poderá contatar a pesquisador no número (083) 8729-9355 (83) 9966-0930 **ENDEREÇO RUA JOQUINHA MUNIZ Nº 15 CENTRO DE FAGUNDES -PB- CEP 58487-000** - Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados com a pesquisadora. Vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar em pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este Termo de consentimento Livre e Esclarecido. Campina Grande, 20/02/2011

Assinatura do Pesquisador

Helder Melquixotec da Silva Gomes

Assinatura do (a) participante:

José Nilson Pereira da Costa